



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI  
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTE  
CURSO: JORNALISMO

ABIANA CAMPOS MENDES

ELÓI TELES DE MORAIS, um idealista intransigente

Juazeiro do Norte  
2026

ABIANA CAMPOS MENDES

ELÓI TELES DE MORAIS, um idealista intransigente

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o radialista Elói Teles de Moraes, revelando um lado de sua vida ainda obscuro para muitos, qual seja, suas ações contra o golpe militar de 1964, entrelaçadas ao seu cotidiano, aparentemente comum.

Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Amanda Teixeira da Silva

Coorientação técnica: Paulo Anaximandro Tavares

Juazeiro do Norte

2026

ABIANA CAMPOS MENDES

ELÓI TELES DE MORAIS, um idealista intransigente

LIVRO-REPORTAGEM

Orientação: Profª Drª Amanda Teixeira da Silva

Coorientação técnica: Paulo Anaximandro Tavares

Banca:

Prof. Dr. Rodrigo Capistrano Camurça

Profª Drª Núbia Ferreira Almeida

Juazeiro do Norte

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

M538e Mendes, Abiana Campos.  
Elói Teles de Moraes, um idealista intransigente / Abiana Campos Mendes. - 2025.  
88 f. il.: color. 30 cm.  
(Inclui bibliografia, p.84-85).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Cariri,  
Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Curso de Jornalismo, Juazeiro  
do Norte, 2026.

Orientadora: Profª. Dra. Amanda Teixeira da Silva.  
Coorientador: Prof. Esp. Paulo Anaximandro Tavares.

1. Elói Teles. 2. Livro-reportagem. 3. Jornalismo. 4. Rádio. 5. Questão Agrária.  
I. Silva, Amanda Teixeira da - orientadora. II. Tavares, Paulo Anaximandro -  
coorientador. III. Título.

CDD 070

---

Bibliotecária: Maria Eliziana Pereira de Sousa – CRB 15/564

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma ampliação da biografia de um radialista cratense chamado Elói Teles de Moraes, que além de ter grande audiência nos seus programas e ser muito famoso em todo o Cariri cearense, ele foi folclorista e cordelista. Paralelamente a isso, era preocupado com a situação do homem do campo. Este livro-reportagem traz à tona suas ações contra o golpe militar de 1964, entrelaçadas ao seu cotidiano, aparentemente comum.

Palavras-chave: rádio; questão agrária; golpe militar de 1964.

## ABSTRACT

This Final Course Project presents an expansion of the biography of a radio broadcaster from Crato named Elói Teles de Moraes, who, in addition to having a large audience for his programs and being very famous throughout the Cariri region of Ceará, was a folklorist and cordel poet. Alongside this, he was concerned about the situation of rural people. This book-report brings to light his actions against the 1964 military coup, intertwined with his seemingly ordinary daily life.

Keywords: radio; agrarian issue; 1964 military coup.

## SUMÁRIO

### PRIMEIRA PARTE

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| <b>Quem Foi Elói Teles de Moraes?</b> ..... | 15 |
| O Cariri cearense.....                      | 19 |
| Os entrevistados.....                       | 21 |
| Catullo Grangeiro Teles.....                | 23 |
| Geraldo Alves Formiga.....                  | 25 |
| Francisco Willian Brito Bezerra.....        | 27 |
| Antônio Vicelmo do Nascimento.....          | 29 |
| José Flávio Pinheiro Vieira.....            | 33 |

### SEGUNDA PARTE

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| <b>O Manifesto de Elói Teles de Moraes</b> .....             | 37 |
| “Ao Povo Brasileiro” .....                                   | 39 |
| Carta à Sulamita.....                                        | 41 |
| A Questão Agrária.....                                       | 44 |
| Alguns recortes do Jornal Terra Livre.....                   | 47 |
| Seu Elói lê o poema Reforma Agrária, de Patativa do Assaré.. | 53 |

### TERCEIRA PARTE

|                                                 |    |
|-------------------------------------------------|----|
| <b>No Departamento da Polícia Federal</b> ..... | 57 |
| Documentos Oficiais.....                        | 59 |
| Elói Teles de Moraes presta depoimento.....     | 66 |
| “Juro” .....                                    | 69 |

### QUARTA PARTE

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| <b>O Idealista (e silencioso) intransigente</b> ..... | 75 |
|-------------------------------------------------------|----|

### QUINTA PARTE

|                        |    |
|------------------------|----|
| Algumas reflexões..... | 79 |
|------------------------|----|

|             |    |
|-------------|----|
| FONTES..... | 84 |
|-------------|----|



# ELÓI TELES DE MORAIS, um idealista intransigente

Abiana Campos Mendes





ABIANA CAMPOS MENDES

Elói Teles de Moraes, um idealista  
intransigente



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI  
CURSO DE JORNALISMO**

**Elói Teles de Moraes, um idealista  
intransigente**

**ABIANA CAMPOS MENDES**

**Juazeiro do Norte  
2026**

# Ficha técnica

Autora: **Abiana Campos Mendes**

Projeto gráfico e diagramação: **Abiana Campos Mendes**

Capa: **Emerson Ramon Alencar**

Orientação: **Amanda Teixeira da Silva**

Co-orientação: **Paulo Anaximandro Tavares**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

M538e Mendes, Abiana Campos.  
Elói Teles de Moraes, um idealista intransigente / Abiana Campos Mendes. - 2025.  
88 f. il.: color. 30 cm.  
(Inclui bibliografia, p.84-85).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Cariri,  
Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Curso de Jornalismo, Juazeiro  
do Norte, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Teixeira da Silva.  
Coorientador: Prof. Esp. Paulo Anaximandro Tavares.

1. Elói Teles. 2. Livro-reportagem. 3. Jornalismo. 4. Rádio. 5. Questão Agrária.  
I. Silva, Amanda Teixeira da - orientadora. II. Tavares, Paulo Anaximandro -  
coorientador. III. Título.

CDD 070

---

Bibliotecária: Maria Eliziana Pereira de Sousa – CRB 15/564

*As próprias pedras gritarão.*

*Lucas, 19:40*





# Agradecimentos

Aos anônimos, que lutaram contra a ditadura brasileira e que um dia sonharam com um Brasil justo, livre e soberano!

À Amanda Teixeira, professora escolhida para orientar este trabalho, pelo seu cuidado, além do seu vasto conhecimento.

Para Paulo Anaximandro, pela co-orientação, nosso insubstituível diagramador, pela paciência e atenção.

Para Natália, Arthur, Adriano, Anna Clara, Andrei e José, que tornam meus dias mais felizes.

Para Carlos, pelo nosso amor, pela nossa cumplicidade e porque vermelho é a cor predileta dele.

Para Emerson Ramon, que desde o 1º semestre do curso de Jornalismo desenhava para mim, pela sua habilidade e inteligência.

Aos meus colaboradores: Catullo Grangeiro Teles, Geraldo Alves Formiga, Francisco Willian Brito Bezerra, Antonio Vicelmo do Nascimento, José Flávio Pinheiro Vieira, José Huberto Tavares de Oliveira, Antonio Aldemá Pereira de Moraes, Antonio Higino de Oliveira, Jurandy Temóteo, Evandro Bezerra, Huberto Cabral, Arthur Campos Parente, José Cleberson Silva, Lorena Tavares, Syme Duarte, Marcos Cunha e Selton Angelim.

À turma de Jornalismo 2022.1, com saudades.

Muito obrigada!



## Sobre a autora

Eu venho do sopé da Chapada do Araripe. Nasci no Crato, Cariri cearense. Morei em diversos lugares do Brasil, porém, em Brasília – DF, fiz da minha vida profissional o meu maior patrimônio, até voltar para minha terra: 50% por dever e 50% por querer.

Depois de ter trabalhado por dez anos no Ministério da Educação e de aposentar-me pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB (quando atuei como professora de Filosofia e, como Coordenadora-Geral de Ensino), a necessidade de aproveitar mais o meu tempo, fez-me revisar algumas matérias do ensino médio durante a pandemia de Covid -19, juntamente com um sobrinho.

A terceira idade chegou para mim com uma vontade enorme de retornar para a Academia, talvez devido à ânsia de leitura que tomou conta de minhas atividades diárias. Após a aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, para o curso de Jornalismo (Turma 2022-I), na Universidade Federal do Cariri - UFCA, novos desafios chegaram, e, com eles, muita vontade de superação. Etarismo foi o primeiro obstáculo, porém, a convivência tem sido relativamente tranquila durante esses anos. Ainda bem!

Possuo outras graduações e um mestrado, todavia, este é o meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Licenciatura em Filosofia, com habilitação em História e o bacharelado em Direito foram cursados no século passado e não necessitavam de um trabalho final. No mestrado em Ciências / Educação Agrícola, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ estudei metodologia do trabalho científico com mais profundidade.

E aí veio minha trajetória acadêmica na UFCA, em companhia de jovens professores e colegas. Aprendi muito em relação à diversidade, modos de pensar e agir e conheci melhor o nosso Cariri e seus personagens.

Decidi, então, escrever um livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso. Meu personagem é um radialista do Crato, falecido em 2000, que deixou um marcante legado sociocultural permeado pela questão política: Elói Teles de Moraes.

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE Quem foi seu Elói? . . . . . 15

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| O Cariri cearense . . . . .               | 19 |
| Os entrevistados . . . . .                | 21 |
| Catullo Grangeiro Teles . . . . .         | 23 |
| Geraldo Alves Formiga . . . . .           | 25 |
| Francisco Willian Brito Bezerra . . . . . | 27 |
| Antônio Vicelmo do Nascimento . . . . .   | 29 |
| José Flávio Pinheiro Vieira . . . . .     | 33 |

## SEGUNDA PARTE O manifesto de Elói Teles de Moraes . 37

|                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| “Ao Povo Brasileiro” . . . . .                                       | 39 |
| Carta à Sulamita . . . . .                                           | 41 |
| A Questão Agrária . . . . .                                          | 44 |
| Alguns recortes do Jornal Terra Livre . . . . .                      | 47 |
| Seu Elói lê o poema Reforma Agrária, de Patativa do Assaré . . . . . | 53 |

## TERCEIRA PARTE No Departamento da Polícia Federal. . . 57

|                                                  |    |
|--------------------------------------------------|----|
| Documentos Oficiais . . . . .                    | 59 |
| Elói Teles de Moraes presta depoimento . . . . . | 66 |
| “Juro” . . . . .                                 | 69 |

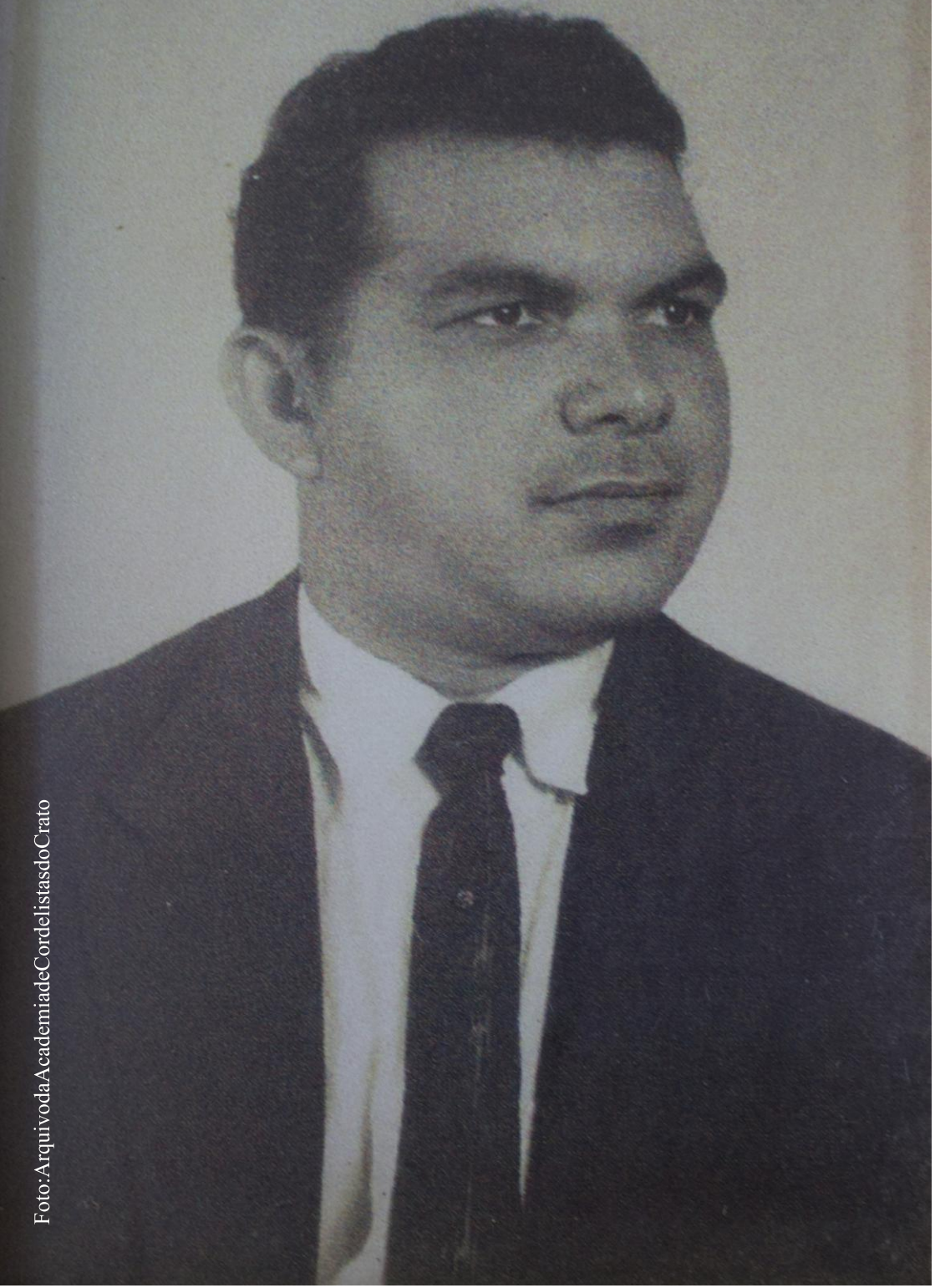
## QUARTA PARTE

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| O Idealista (e silencioso) intransigente . . . . . | 75 |
|----------------------------------------------------|----|

|                                          |    |
|------------------------------------------|----|
| QUINTA PARTE Algumas reflexões . . . . . | 79 |
|------------------------------------------|----|

Fontes. . . . .84





## PRIMEIRA PARTE

Quem foi seu Elói?

**E**lói Teles de Moraes fez história no Cariri. Assim como um LongPlay – LP (disco de vinil) que precisava ser manuseado (virar o disco) para que pudessem ser tocadas as faixas do lado

B, seu Elói, apresentava-se a todos pelo lado A: emocionava o público e era cativante. Vale lembrar que as músicas escolhidas pelos artistas para o lado A do LP eram aquelas que mais chamavam a atenção do público, pois tinham refrão simples, melodia que agradava aos ouvidos, e eram fáceis de decorar. Nesse seu lado A, Elói Teles foi esposo, pai e radialista; foi jornalista, folclorista, escritor, esportista e servidor federal. Ele se destacou por suas poesias, seu amor à cultura local e por seu carisma. Era chamado de seu “Eloia” pelos ouvintes do campo, sem que houvesse uma explicação lógica para essa forma de tratá-lo.

Nascido no Crato em 19 de abril de 1936, ele se mostrou, desde jovem, um aspirante a comunicador. Em 1958, apresentou o programa “Coisas do Meu Sertão”, pela Empresa de Propaganda do Cariri. Sete anos depois, era locutor da Rádio Araripe do Crato (empresa dos Diários Associados), chegando ao cargo de diretor-gerente, fazendo, também, programas sobre esporte, mais uma de suas paixões.

Por motivos não muito bem esclarecidos, mas, também, pelos desmembramentos e pelas vendas graduais dos grupos pertencentes aos Diários e Rádios Associados, Elói Teles chegou à Rádio Educadora do Crato em 1987, mantendo seus programas: “Acorda, sertão”; “Coisas do meu sertão”; “A voz do povo”; “Sertão como é que é”; “Gente da gente”; “A festa da Casa Grande / Forró da Casa Grande”; “Gurilândia na Cantina 100” e, “Baú das velhas recordações”, aqui, com destaque para as crônicas em “Bom dia, saudade”, que eram lidas dentro do programa; e o “Não invente, e pode contar com a gente”, programa no qual a população denunciava falta de saneamento básico, de energia, de coleta de lixo e problemas afins.

Era servidor do Ministério da Agricultura e muito ligado aos rurícolas por conta de seu trabalho no campo. Talvez, devido a essa tarefa técnica, Elói Teles se compadecia mais ainda com a vida rude e

a pobreza, sofrendo com as injustiças sociais e comprovando o abandono dessa gente por parte de governantes e políticos de um modo geral. Dessa forma, seus programas eram todos vinculados à terra, ao

homem que produzia, à cultura local, pois, fazia deles um espaço de reconhecimento aos desvalidos.

Elói era um piadista e muito afeito às histórias de vida do homem do campo. Sabia recontar os relatos que ouvia, dando a estes um aspecto engraçado. Poderia ter sido uma forma de fazer com que outras pessoas soubessem da vida do “sertanejo”, suas dificuldades e suas lutas, num lugar onde o pensamento elitista dominava o cenário social, e tudo o mais seria secundário.

Elói Teles ocupou outros espaços. Bacharel em Direito, atuou como conselheiro no Juizado de Menores, foi presidente fundador do Clube dos Amigos do Folclore, fundador e primeiro presidente da Academia de Cordelistas do Crato, presidente da Crônica Carnavalesca do Crato, presidente da Fundação Casa do Folclore Cego Aderaldo, diretor da Fundação Cultural J. de Figueiredo Filho, ator do Grupo de Teatro Amador Cratense (Grutac), ocupante da cadeira nº 1, da Seção de Folclore, do Instituto Cultural do Cariri e diretor da Banda de Música Municipal, além de atuar na área esportiva, como diretor do Conselho Municipal de Assistência aos Desportos, da Liga Cratense de Esportes e da Liga Cratense de Desportos Amadores, destacando-se como um dos bastiões pela construção do Estádio Municipal Virgílio Távora (o Mirandão). Escreveu os cordéis: 1. A Confederação dos Cariris; 2. Um sonho com dona Bárbara; 3. A História do Crato em Versos (6 volumes); 4. A Lagoa Encantada; 5. Acorda, meu Crato; 6. Don Giovani; 7. Terra Ardente; 8. A pedra da Batateira; 9. Ana Triste; 10. Imunização; 11. O sumiço da Santa; 12. A vida de Zé Teles; 13. Projeto Meninos do Crato: dados históricos e turísticos do Crato; 14. Barnabé, o escravo de dona Bárbara; 15. Recado da impressora aos cordelistas do Cariri (com Luciano Carneiro); 16. O pau de Maranhão; 17. Auto da malhação de Judas em Crato; 18. Auto da malhação de Judas (com outros autores); 19. Pergunta e Resposta; 20. A lei de Chico de Brito; 21. A queda de Chico de Brito; 22. Tristão Gonçalves, um herói do sertão (com Willian Brito).

Certa vez, Elói Teles chegou para seu amigo Willian Brito e propôs: “Vamos criar um Rotary Club no Crato”. Seu amigo estranhou: “Rotary Club”? E ele continuou: “O fato é que estão precisando de gente para a fundação desse clube e nós vamos ajudar. Quando estiver consolidado, nós sairemos”. O verbo ‘ajudar’ o definia.

Em 9 de outubro de 2000, aos 64 anos, morreu acometido de esclerose lateral amiotrófica (E.L.A.) deixando um legado de intensa vida comunitária, e, deixando, também, um silêncio inquietante e reticente, uma vez que optou em não tratar das ações que o levaram à prisão durante a ditadura militar por duas vezes, ponto central deste estudo.

E esse é o lado B da vida de Elói Teles, que assim como no LP, precisa ser trabalhado com mais afinco para que o disco da vida toque por completo e seja conhecido em todas as suas faixas.

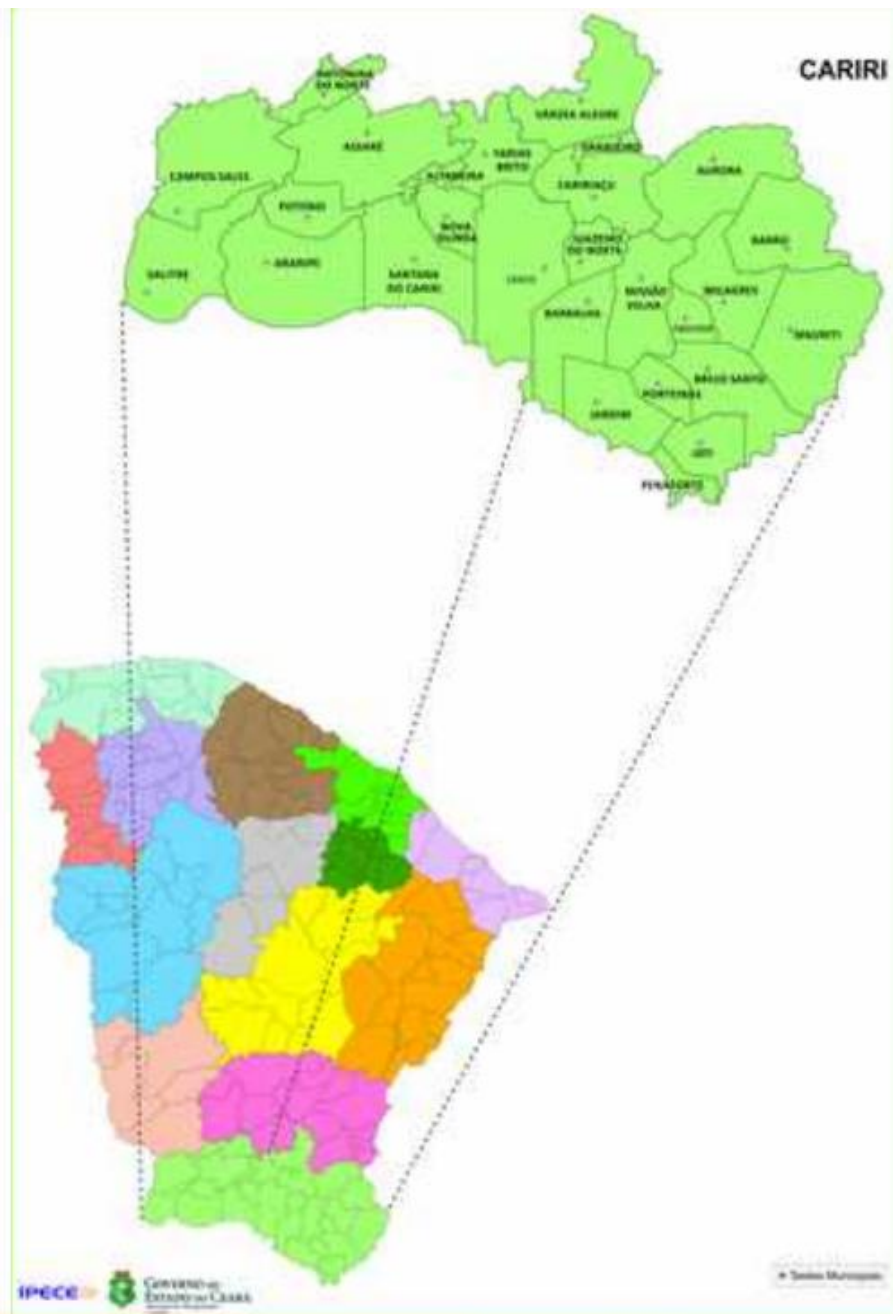
O trabalho de Elói Teles no Ministério da Agricultura pode ter sido o estopim de suas inquietações ideológicas, por ter vivido na pele a vida na zona rural. Nesse seu Lado B, há fatos de suas ações contra a ditadura militar e em favor do comunismo, por detrás de seu cotidiano.

## O CARIRI CEARENSE

O sul cearense, denominado região do Cariri, é composto por 29 municípios; faz fronteira com os estados de Pernambuco, da Paraíba e do Piauí. O Cariri sempre se destacou pelas características indígenas, pela cultura, pela Floresta Nacional do Araripe e, historicamente, pelo ideal de luta por liberdade. Devido à sua localização, ele é passagem (rota) para várias outras unidades da Federação, inclusive, foi rota para a guerrilha no Araguaia, entre as décadas de 1960 e 1970. Segundo Simião (2018)

[...] grupos da esquerda brasileira se alojaram na região do Cariri cearense, especialmente nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, no período de 1968 a 1974 e elegeram a região como rota de fuga, local de passagem e de refúgio e base de apoio para os grupos que estavam preparando a resistência ao avanço ditatorial, bem como,

a preparação do movimento da Guerrilha do Araguaia, ocorrido no sul do Pará (p. 11).



Mapa do Ceará com o Cariri em destaque

As capitais Recife e Fortaleza fazem parte da vida desta região. A elite caririense sempre enviou seus filhos para completarem seus estudos em Fortaleza ou em Recife, principalmente, devido à relativa curta distância que separa essas localidades. Estavam em capitais de excelência educacional nacional, e ao mesmo tempo, “perto de casa”. Ao retornarem para suas cidades de origem, já engenheiros, advogados, médicos, professores, dentistas, dentre outras graduações, muitos participaram ativamente da vida social, cultural, econômica e política do Cariri, com grande influência sobre os seus conterrâneos.

Alguns deles traziam ideais dos seus antepassados, lembrando as lutas revolucionárias de caráter republicano, que eclodiram em Pernambuco, em 1824 - Confederação do Equador, e que envolveram membros da família Alencar que, tendo origem no município de Exu, no Pernambuco, fizeram história nas cidades do Crato e de Araripe, tendo sido os articuladores da independência da Vila do Crato do império português durante a Revolução Pernambucana, em 1817, por 8 dias, até que as tropas do império restauraram o poder monarquista, prendendo os líderes republicanos.

## OS ENTREVISTADOS

Diante de uma pessoa tão popularmente conhecida como foi Elói Teles de Moraes, eleger os entrevistados tornou-se tarefa complicada. Alguns caminhos estavam abertos: intelectuais do Crato, amigos, familiares, colegas de trabalho, ouvintes.

Em conversas com pessoas que fizeram parte da vida de seu Elói destacaram-se: Sulamita, sua filha mais velha, quando foi exposto o interesse em escrever um livro-reportagem; Cassandra, sua terceira filha, que me indicou Catullo, seu irmão, uma vez que ele tinha mais propriedade do que ela para falar sobre a biografia de seu pai, incluindo sua prisão; Aristóteles, seu filho mais novo, não foi contactado por questões de tempo; Marcos Cunha, médico neurologista que discorreu sobre a doença neurológica Esclerose

Lateral Amiotrófica, da qual seu Elói foi acometido. Houve um encontro com um colega de Elói Teles, da Rádio Educadora, Evandro Bezerra, porém este não sabia nada sobre a ênfase que seria dada para esta reportagem: as prisões políticas de seu parceiro. No encontro com o professor e escritor Jurandy Temóteo, autor do livro “Anos de Chumbo: o movimento político estudantil e a ditadura militar no Crato”, ele reforçou o caráter ético de Elói Teles, seu interesse pela cultura da região e sua prisão em 1964, porém, sem maiores detalhes sobre sua vida política. Huberto Cabral, memorialista cratense, disponibilizou um texto contendo uma pequena biografia de Elói Teles, com destaque aos seus trabalhos.

Nenhum deles tinha informação sobre uma segunda prisão de Elói Teles, exceto Catullo Teles; porém, afirmou que teria sido em 1974 (foi em 1972) sendo conduzido por dois policiais, à paisana, da Rádio Araripe do Crato para Fortaleza; Catullo afirmou que estava junto ao pai e que foi o operador de som, chamado de Mazim, já falecido, quem o levou para a casa de sua avó materna, que ficava em frente ao prédio da rádio; ele também apresenta a “Carta à Sulamita” e a considera “um manifesto em forma de carta”, algo que o seu pai queria dizer a todos e não só para sua primogênita, mas o fez de forma “velada”. Outra pessoa entrevistada foi o senhor José Primo de Brito, aposentado pelo Banco do Brasil, que disse que a saída de Elói da Rádio Araripe para a Rádio Educadora se deu por conta do desmembramento da empresa Diários Associados, de Assis Chateaubriand, à qual pertencia a Rádio Araripe e contou que “ele era comunista e que dizem que ele tinha uma gaveta secreta na sua mesa da rádio onde guardava informações sigilosas”.

Sobre essa gaveta, o sociólogo Fábio José Cavalcanti de Queiroz escreveu em sua tese de doutorado, pela Universidade Federal do Ceará, 2010, “Padres, coronéis e ativistas sociais: o Cariri à época da usurpação militarista - 1964-1985”, que

[...] o conhecido anticomunismo de dom Vicente, bem como do conhecido monsenhor Montenegro, reforçou a tese da colaboração entre a igreja, o regime político discricionário e os

agrupamentos anticomunistas locais. Elói Teles - intelectual comunista e radialista, já falecido - sugeriu algo acerca do caráter colaboracionista da igreja. Talvez seja mais do que uma lenda, a história que sempre correu entre os contemporâneos do “seu Elói” da gavetinha secreta da Rádio Educadora, local que guardava informações que eram repassadas aos agentes da ditadura. O radialista esteve na relação dos primeiros presos da “Redentora”. (p. 126).

Este foi o único ponto em que houve contradição durante a pesquisa sobre seu Elói e seu lado B, ou seja, ser um comunista. Passar de célula pró-comunista a delator merecia mais consideração na pesquisa realizada, contudo, não foi possível obter outras fontes sobre o assunto, pois, Jurandir Temóteo, citado pelo sociólogo Fábio Queiroz, não tocou nesta questão. Um outro citado, Abidoral Jamacaru, não foi contactado.

Para amigos ou apenas conhecidos, perguntar sobre Elói Teles é receber respostas diretas, praticamente iguais: grande radialista, ser humano generoso, amigo das tradições e do folclore da região do Cariri.

Diante das informações colhidas, foram selecionados: i) Catullo Grangeiro Teles (filho de Elói Teles, entrevistado em 10 de dezembro de 2024); ii) Geraldo Alves Formiga (paraibano erradicado no Crato, preso juntamente com o grupo onde estava Elói Teles, entrevistado dia 7 de janeiro de 2025); iii) Francisco Willian Brito Bezerra (amigo, membro e cofundador da Academia de Cordelistas do Crato, agrônomo, entrevistado em 18 de janeiro de 2025); iv) Antônio Vicelmo do Nascimento (radialista, colega de trabalho na Rádio Educadora, entrevistado em 11 de fevereiro de 2025); e, v) José Flávio Pinheiro Vieira (amigo, médico, escritor, pesquisador, entrevistado em 11 de fevereiro de 2025).

## CATULLO TELES GRANGEIRO

Durante a entrevista, Catullo Teles explicou de modo geral as atividades de seu pai ligadas à cultura e afirmou que a Associação Mestre Elói Teles está sendo construída; ele sorriu ao afirmar que não

sabe explicar por que muitos ouvintes, principalmente trabalhadores(as) rurais, falavam seu “Eloia”.

Quando indagado sobre as cartinhas que recebia dos ouvintes, disse que eram lidas e descartadas, mas, ainda tem material em casa, um acervo, que está guardado para a associação. “A gente tem guardado muita coisa, porque a ideia é a gente fazer um acervo para que as pessoas tenham acesso”. Ele afirma não ser possível disponibilizar esse material, no momento, mas, que a Academia de Cordelistas catalogou todos os cordéis de seu pai e que está tudo embalado.

Catullo Teles informou que seu pai tinha um pseudônimo, Tonico Ferreira, que assinava seus poemas. Todavia, “o forte dele era mesmo interpretar as poesias que lia”.

Na época em que foi preso (pela primeira vez), em 1964, Elói Teles de Moraes era muito ligado ao homem do campo por conta de seu trabalho junto ao Ministério da Agricultura. O entrevistado enfatizou categoricamente que Elói Teles de Moraes defendia a reforma agrária. “Ele defendia a Reforma Agrária. Foi o contato dele com o homem do campo. O homem do campo trabalhava na terra, mas não tinha o direito à terra. A terra era do coronel. Isso aí foi o mote da luta dele”. E continuou: “Ele tinha ido participar de um congresso, não se sabe onde, mas era sobre reforma agrária”. Ele assegurou que seu pai foi libertado dois ou três meses depois de ser preso, porque os amigos conseguiram esconder a ata da associação da qual eles participavam. [Elói Teles era Secretário da Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas]. Aí, ele disse que o pai foi preso novamente em 1974 [na verdade, foi em 1972], muito “por conta de uma elite nojenta, dedo-duro”. Dr. Derval Peixôto (dentista) foi apontado como um dos que entregou seu pai. “Ele era ‘coronel’. O pai de dr. Derval [sr. Pitias Peixôto] era rico; e ele se casou com a filha de um homem que possuía muitas terras na região de Tauá. E ele administrava tudo”, contou Catullo. Explicou, também, que em 1974, o pai foi novamente solto porque não conseguiram provar nada. E que, imediatamente, o

pai voltou às atividades de seu cotidiano: programas na rádio, grupos de cultura e folclore. “A rádio foi



Foto: Abiana Campos

o instrumento de luta do meu pai”, disse Catullo. Opinou que não tinha como ter luta armada dizendo que “Era pouca gente. O Araguaia deu no que deu”. Em relação a outros detalhes sobre a vida de seu pai, citou Geraldo Alves Formiga e Antônio Vicelmo do Nascimento. E falou: “Huberto Cabral era muito ligado à igreja e não se envolvia. Não era a favor nem contra. Mas, sabe muitas histórias envolvendo meu pai”. Afirmou que perguntou ao Dr. Marcos Cunha, neurologista, se a doença que vitimou seu pai (Esclerose Lateral Amiotrófica) poderia ter sido acarretada por tortura física e/ou psicológica, e o médico teria respondido positivamente.

Catullo Teles apresentou a “Carta à Sulamita” que ele reforçou enfaticamente ser um manifesto e não uma carta direcionada somente para sua irmã, e enfatizou que “todas as fotografias dele [seu pai] estão com Sulamita” e que ela também guarda os poemas que ele assinava como Tonico Ferreira, não sendo possível, no momento, ter acesso a esse material.

Durante a entrevista, ele contou que quando estava detido no Crato, seu Elói recebeu a visita de um familiar, policial militar, que o

levou uma Bíblia. – único tipo de literatura que podia receber. Dias depois, em nova visita, o parente recebeu a Bíblia de volta. Na parte final do livro, estava escrito um poema que Catullo fez questão de recitar:

*Cadeia*  
*Essas tuas grades prendem meu corpo*  
*Revolto,*  
*Porém, tu não sabes,*  
*cadeia, Que meu ideal está*  
*solto.*

## GERALDO ALVES FORMIGA

Nascido em 1934, Geraldo Alves Formiga veio, ainda jovem, da Paraíba para o Crato trabalhar com seu tio (futuro sogro) em serviços de armazém porque “era bom em Matemática”. Em pouco tempo, tornou-se membro ativo de movimentos estudantis. A entrevista realizada com ele foi importante também para mostrar contradições existentes entre o que ele diz agora e o que disse no depoimento prestado ao Departamento de Polícia Federal, em 1972.



Na entrevista, Geraldo Formiga disse que conheceu Elói Teles de Moraes trabalhando na Secretaria de Agricultura. Afirmou que faziam política no Partido Comunista e que “Elói Teles era muito ativo”. Afirmou categoricamente que quando foram soltos, após sessões de torturas - “Fui torturado. Psicologicamente e fisicamente”, eles voltaram para o Crato e não continuaram fazendo política porque os partidos se acabaram “Não fizemos mais política”. Porém, dados indicam que ele participou de outras reuniões de caráter antimilitar. Não há registro oficial das prisões ocorridas em 1964, mas, há documentos no Departamento de Polícia Federal - DPF/ Delegacia Regional do DPF no Ceará, em Fortaleza, que mostram, por meio de sua assinatura, que em 11 e em 14 de janeiro de 1972, ele prestou depoimento junto ao órgão.

Geraldo Formiga contou que havia muito dedo-duro no Crato, citando o monsenhor Francisco Montenegro e também o professor José do Vale Arraes

Feitosa, que sempre o surpreendeu com essa atitude, porque nas rodas de rua “ele conversava tudo que a esquerda conversava”. Contou também que o dr. Derval Peixôto era um latifundiário por ter herdado terras nos Inhamuns, dizendo que “Ele [Derval Peixôto] era de direita. Detestava comunista. Acabou perdendo a eleição para prefeito no Crato porque gritava aos quatro cantos que não queria voto de nenhum comunista.

Perdeu por cinquenta e poucos votos. Exatamente, os votos daqueles que eram de esquerda”. E riu com esse fato.

Geraldo Formiga define Elói Teles hoje: “Elói era um animador de primeira categoria, muito direito e era um nacionalista. Era um amigo! (...) Não éramos comunistas, éramos nacionalistas”.

Afirmar, no fim da entrevista, que eles não eram comunistas, mesmo tendo contado alguns episódios referentes às atividades de caráter político-partidário e sem tocar em outros pontos que insinuavam seu efetivo empenho em ações “pró-soviéticas”, pode expressar temor ou demonstração de cansaço em relação ao assunto.

## FRANCISCO WILLIAN BRITO BEZERRA

O engenheiro agrônomo Willian Brito foi amigo de Elói Teles desde sua adolescência, porque gostava de escrever versos e enviar para a rádio; seus poemas eram lidos no programa “Coisas do Meu Sertão”.

Ele enaltece muito Elói Teles enquanto ser humano: “Elói Teles é o cara mais generoso que eu conheci (...) Elói era de uma grandeza e queria tanto bem ao Crato!”, falou Willian com muita emoção, assegurando que ele era caridoso, prestativo, preocupado com aquela parcela mais pobre da população e que tinha uma admiração profunda pelo homem do campo; “Elói gostava de poesia brejeira, de simplicidade”, conta Willian. Ele disse que Elói Teles foi trabalhar na Rádio Educadora, uma rádio da diocese do Crato, porque o padre Gonçalo, então diretor, sabia que Elói Teles não tinha nada de comunista. “Elói não tinha nada de comunista”, reforça Willian. Falou que ele era cristão e não era comunista, porque ninguém pode fazer a defesa da ditadura do proletariado. “Ditadura é ditadura, veja Stálin, Fidel Castro, Venezuela, Nicarágua. Elói se importava com os pobres. Isso é cristianismo puro”, garante Willian. Relatou que o poeta Patativa do Assaré nunca leu Marx nem Lênin, mas, sentia as injustiças. “Elói era da linha de Paulo Freire. Paulo Freire não era comunista, era um cristão. Assim como Dom Hélder. Então, tem-se que chamar Cristo de comunista!”. E continuou: “Eu chamo isso de

cristianismo. É a Igreja Cristã Primitiva. Os cristãos tinham tudo em comum. Elói era um desses. Eu nunca vi Elói pedir nada para ele próprio, mas, pedir para os grupos, ele pedia”.

Valeria um bom debate entre cristianismo primitivo e marxismo, uma vez que é muito fácil detectar pontos comuns entre ambos, tanto em relação à questão da igualdade, em que todos os seres humanos são iguais (perante Deus para os cristãos e quando o comunismo rejeita hierarquias baseadas na exploração econômica), como em relação ao ideal de comunidade e partilha, mas, não seria, no momento, cerne da entrevista.

Willian Brito conta casos risíveis sobre seu Elói. Menciona, então, que na rádio chegavam cartas ilegíveis, letras indecifráveis. E antes



de entrar no ar, Elói brincava: “Morreu num sei quemzim Brito. Mas a gente não pode nem se alegrar. Morre um Brito e nascem dez”! Conta também a propaganda que ele fazia da enxada Tupi: “Eta, enxada Tupi, enxada boa! Você encontra aí no comércio. Toda loja vende! Compre uma de libra e meia, ou de três libras! Rapaz, ô enxada boa... pros outros!” Isso era motivo de gargalhadas generalizadas.

E aí, aproveita a onda de alegria que o envolve e relata mais três situações:

Com um espírito de liderança e de sensibilidade, Elói Teles levou um grupo folclórico do Crato para o “Festival de Folclore Cearense”, que acontecia em Fortaleza, anualmente. Ao chegarem na capital, sem roupas novas, cada um com seu próprio calçado (sandálias de borracha, de couro, sapatos velhos, botas surradas) ficaram arrasados, pois os trajes dos outros grupos eram novos e apropriados para a apresentação. E Elói, com muita sabedoria disse: - Dobrem as calças até metade da perna e entrem descalços. Deem o melhor de si. E, assim, conquistaram o primeiro lugar.

Quando Patativa do Assaré estava doente, Elói Teles procurava Dedé de Zeba (José Hélder França, poeta cratense) e pedia para ele mandar uma carta desaforada para Patativa. E Patativa se divertia muito com isso, porque sabia que era brincadeira. E respondia a carta no mesmo tom.

O Forró da Casa Grande era um programa de grande sucesso. Seu Elói passava uma verossimilhança incrível aos ouvintes. Willian Brito conta que seu pai era taxista e que, certo dia, um senhor veio dos Inhamus, tomou o táxi de seu pai e pediu para ir ao Forró da Casa Grande. O taxista surpreso, indagou? “Pra onde?” A situação foi inusitada. O senhor pensou que o forró acontecia numa quadra ou num salão. E o taxista explicou que tudo acontecia num estúdio, na rádio. Incrédulo, o senhor pediu para ir até o local pois disse que só acreditava vendo. O homem ficou boquiaberto!

## ANTÔNIO VICELMO DO NASCIMENTO

Antônio Vicelmo foi radialista e locutor da Rádio Educadora e trabalhou ao lado de Elói Teles. “Eu dividi uma sala de trabalho com ele [Elói], durante muitos anos, e eu vi o comportamento dele: um homem, um pai de família muito dedicado, brincalhão, inteligente [...] Elói era muito leal”, assegurou Vicelmo, lembrando que ele tinha um nome fictício, Tonico Ferreira. Tonico Ferreira era poeta.

Assim como todos os outros entrevistados, Antônio Vicelmo exaltou o caráter de retidão, a ética e a admiração de Elói Teles pelo homem do campo e pela cultura.

Afirmou que não ouviu de Elói Teles nada sobre reforma agrária: “Eu nunca vi Elói escrever nada sobre a reforma agrária, pois, após ser preso, ele ficou com muito medo de tocar nesses assuntos e ser preso novamente”.

Nessa época, o jornalismo da região era muito voltado à elite, porém, seu Elói abria o microfone para o homem do campo e ele trouxe, também, a cultura popular para dentro do rádio. “A própria igreja era contra. Pouca gente sabe que o Reisado é uma cena da reprodução de uma luta que houve entre mouros e cristãos e, por conta disso, a igreja via essas manifestações populares com muita reserva [...] e Elói passou por cima de tudo isso”, esclareceu Antônio Vicelmo.

Vicelmo afirmou que ouviu do próprio Elói o fato de ele ter sido muito perseguido. “Rasgavam muitos papéis na casa dele. Acusavam Elói de comunista e os militares inventavam que [os comunistas] estavam guardando armas lá no sítio de Ernani Silva [empresário no Crato], na Luanda”, e continuou: “Dizem que ele foi preso em 1964, porque foi acabar com as saúvas da casa de Ernani Silva”. A história é um caso famoso no Crato: enquanto servidor do Ministério da Agricultura e muito conhecido pela população por conta de suas atividades enquanto radialista, Elói Teles era muito requerido pelos proprietários de sítios e fazendas da região para combater as pragas das plantações.

Certo dia, Ernani Silva, solicitou-lhe ajuda para o combate de formigas cortadeiras que infestavam sua plantação. Indo até sua propriedade, no sítio Luanda, no Crato, Elói Teles e sua equipe, primeiramente, demarcaram as entradas e saídas dos formigueiros, da seguinte maneira: pegaram varetas e colaram um pedaço de tecido vermelho em cada uma delas, feito bandeirolas, para que depois fosse aplicado o veneno nos locais certos. Pois bem, em um dos dias de ditadura, os militares foram até o sítio, pois supuseram que ali estavam escondidas armas vindas de Cuba para que os comunistas locais

iniciassem uma guerrilha. Onde havia bandeiras, eles cavavam. E sim! Debaixo da terra havia um exército vermelho... de saúvas! Esta história foi contada por outros entrevistados – Willian Brito e José Flávio Vieira.

Vicelmo afirmou que Elói Teles foi ajudado por Pedro Felício Cavalcanti - político, ex-prefeito do Crato, por Chico Soares, um ami-



go, e por Wilson Gonçalves, senador da República. E prosseguiu: “Ele recebia visita de Chico Soares, um amigo que era brincalhão e não tinha medo de nada. Levava até abacatada para Elói. E outra pessoa que esteve lá [na cadeia] foi o senhor Pedro Felício Cavalcanti. E seu Pedro dizia que não concordava com a prisão de Elói. E ele ajudou Elói. Naquela época, Wilson Gonçalves era senador. E deve ter feito alguma coisa”.

Vicelmo rememora um relato de Geraldo Formiga que disse que “estava nos planos deles [os comunistas] assaltar o Banco do Brasil. E Elói estava no meio disso”.

Sobre a segunda prisão de Elói Teles, Vicelmo pensa um pouco e diz: “Sinceramente, não tenho detalhes sobre isso. Médice na presidência. O governo que mais matou e torturou...”.

Sobre os conservadores do Crato, aqueles que defendiam a “revolução”, Vicelmo assegurou que eram muitos e citou Derval

Peixôto, Humberto Macário - médico e político, ex-prefeito do Crato, Maurílio Peixôto - professor e um dos fundadores da Faculdade de Direito do Crato. “Havia uma discriminação muito grande. Eu mesmo nunca me envolvi diretamente na política de esquerda. Eu trabalhava na [Rádio] Educadora e Dom Vicente recebia muito dinheiro do governo federal para fazer os seus trabalhos sociais”, diz Vicelmo. “Eu convivi com ele [Elói Teles]. Ele nunca disse que era comunista e nunca disse que não era. Ele era muito reservado. Creio que ele tinha medo de me implicar. Como colega, como homem, era uma pessoa excepcional. E como poeta, era genial. Ele contava a história do político que explora o povo, que promete isso e aquilo”, concluiu Vicelmo.

Questionado sobre a gaveta secreta na sua mesa de trabalho, Antônio Vicelmo disse que nada sabia sobre isso.

## JOSÉ FLÁVIO PINHEIRO VIEIRA

José Flávio Pinheiro Vieira, médico, escritor e pesquisador, amigo de Elói Teles, iniciou afirmando que seu Elói era ligado ao Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, mesmo partido de João Goulart. Conta que o golpe de 1964 iniciou com a chamada “Operação Limpeza”, ou seja, começar excluindo os esquerdistas e os comunistas de todos os cargos. Muitas prisões aconteceram. “Na verdade, a contrarrevolução não foi feita pelo proletariado, porque aqui não existia proletário. O Projeto Asimow 11, programa americano liderado pelo engenheiro Morris Asimow para desenvolver a industrialização no Cariri cearense - IMOCASA, INAESA, CECASA, IESA, IBACIP, LUNA [empresas: IMOCASA - Imobiliária Ltda, INAESA - Engenharia, CECASA - Cerâmica do Cariri S/A, IESA - motores elétricos, máquinas de costura e rádios, IBACIP - fabricação de cimento e LUNA - fabricação de calçados] e o Aliança para o Progresso [projeto criado pelo presidente John Kennedy, dos Estados Unidos com o objetivo de barrar a influência soviética na América Latina] vieram logo depois da revolução cubana. Isso foi causa de preocupação, aí, [começaram a enviar] merenda para as escolas, [a

terem] mais cuidado com a comunidade, etc.”, explica José Flávio e continua: “O padre Frederico, um alemão, de igreja reacionária [lembrando que a reforma foi na Alemanha] fundou muitos sindicatos e associações aqui no Crato, para colocar seus olheiros. O Cariri era uma das rotas para disseminação da doutrina comunista, por isso, a vigilância deveria ser reforçada. A contraditadura foi feita pela classe média. Zé de Brito, Zé de Brito Filho, pequenos comerciantes, professores, radialistas, com destaque para Elói. Eudoro Santana era o único empresário de esquerda”.

José Flávio garantiu que nunca soube de uma segunda prisão de Elói e contou também que “essa história de fazer guerrilha na serra era de rir”, porque não havia a mínima condição.

Sobre delatores, afirmou: “Monsenhor Montenegro foi o principal dedo-duro daqui. Chico Pierre, empresário no Crato, também. Ele era “ligado” às Forças Armadas. Outro foi Maurílio Peixôto. A Igreja também era. Interessante era o Ariovaldo Carvalho [capitão



Foto:ArquivoFamíliaVieira

do Exército e prefeito do Crato]. Ele era do exército, mas, ajudava a soltar quem ia preso. Seu Pedro Felício também, e ajudou Elói a sair da prisão. A ditadura era muito desorganizada”, contou José Flávio.

“Elói Teles era muito fino. Muito ligado à cultura popular”, disse José Flávio ao mesmo tempo que afirmou: “Nada sei sobre outra prisão de Elói... nunca ouvi falar, porque depois do AI5 ficou difícil demais. Nunca vi Elói recitando poemas ditos pró-reforma agrária, por exemplo. A censura era forte. O clima era pesado. Dois reunidos era concentração. Três era passeata”.

José Flávio aproveita para contar que, em plena ditadura, a Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto foi convidada para uma apresentação em Brasília – DF. Elói Teles acompanhou o grupo. A apresentação foi marcada com aplausos de todos e vista por autoridades, incluindo embaixadores. O embaixador soviético ficou impressionado com a coincidência de alguns passos da banda com a dança dos cossacos, e pediu para sua assessoria procurar o responsável pelo grupo do Crato para falar sobre essa semelhança. Informado que estava sendo alvo de um russo, Elói Teles, de imediato, deduziu de que maneira aquele encontro seria interpretado pelos militares e se escondeu do embaixador até o final do encontro. Contam que parecia a brincadeira do grilo: - Cadê o grilo? - Tá lá atrás.





Nome Eloir Sales de  
Morais

Profissão Trabalhador  
N.º 1

Cargo ---  
Filiação Pedro Sales de  
Morais e Ana Almeida  
da Silva

Naturalidade ---  
Idade 26 anos  
Estado civil Solteiro

Local onde trabalha P.D.A. de  
Cabo  
Eloir Sales de Moraes  
(Ass. do Funcionário)

A presente carteira foi por  
mim registrada na ficha indivi-  
dual do servidor, no Serviço do  
Pessoal desta Repartição, em

Fortaleza, 21 de Março

de 1962.

Assinado de Jesus Macêdo Olima  
(Encarregado do Registro)  
Escr. Sati. N.º 7

VISTO:

Fortaleza, 21-3-62.

Assinado de Jesus Macêdo Olima  
(Enc. do Serviço do Pessoal)  
Escr. Sati. N.º 7

### Ministério da Agricultura

Repartição -- O.R. de Oepra  
Sanitária Vegetal

CARTEIRA DE FUNCIONÁRIO

N.º ---



Antônio Pedro Soares  
(Ass. do Chefe da Repartição)

## SEGUNDA PARTE

# O manifesto de Elói Teles de Morais

## “Ao povo brasileiro”

No Brasil, a década de 50 (“Anos Dourados”) foi marcada pela industrialização, pelo crescimento populacional e por mudanças de hábitos culturais e sociais, muito devido à influência norte-americana. O suicídio do presidente Getúlio Vargas e o governo de Juscelino Kubitschek, que inaugurou a atual capital do Brasil, abriram a nova década. Em 1961, Jânio Quadros assumiu a presidência, mas, por apenas sete meses. Com sua renúncia, assume o seu vice, João Goulart, do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB.

A corrida espacial, os conflitos entre os blocos capitalista e socialista, como a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã e a Revolução Cubana, contribuíram para que a chegada dos anos 60 fizesse com que os movimentos de esquerda nos países do Ocidente se fortalecessem ideológica e politicamente: contracultura, movimento hippie, feminismo e o protesto de Bob Dylan nas suas canções, paralelas ao sucesso dos Rolling Stones e dos Beatles. A partir de 1965, a Música Popular Brasileira – MPB, a Tropicália e a Jovem Guarda fomentaram a criatividade da juventude, expondo ideias novas e revolucionárias. A TV Tupi, a TV Record e a Rede Globo eram os ícones da comunicação.

E foi assim que a luta por um mundo mais justo se concretizou no Cariri: com aqueles que diziam lutar contra o imperialismo norte-americano, chamando-se a si próprios de “nacionalistas”.

Em 1964, Elói Teles era ligado ao PTB, o mesmo do ex-presidente do Brasil, João Goulart. No dia seguinte à deposição de Goulart por meio de um golpe militar, os militares iniciam a chamada “Operação Limpeza”, que seria “provar” que conheciam todos os que não admitiam a “revolução”, e prender grande parte dos interrogados. O caririense Miguel Arraes foi preso dia 1º de abril, dentro do Palácio do Campo das Princesas (sede do governo pernambucano), logo após

ser deposto do cargo de governador de Pernambuco. As celas das prisões no Brasil ficaram lotadas de pessoas com ou mesmo sem ligação com a luta antimilitar. Os ditadores faziam isso para provar seu poder perante a população.

Elói Teles foi preso, juntamente, com quase meia centena de outros caririenses. Muitos destes, sem nenhuma evidência clara sobre razões políticas. Alguns permaneceram na cadeia do Crato, por um tempo. Depois, eles foram levados a um galpão que pertencia à Igreja Católica (Salesianos), na vizinha cidade de Juazeiro do Norte. De lá, os prisioneiros foram conduzidos para Fortaleza, para distintos lugares. Elói ficou no 23º Batalhão de Caçadores do Exército, no bairro de Fátima.

Não foram encontrados registros de interrogatório em 1964. Porém, ele foi posto em liberdade depois de dois ou três meses, de acordo com testemunhas.

O motivo dessa prisão foi, provavelmente, Elói Teles ter sido o terceiro presidente (após José de Brito Filho - 1º, e Francisco Veloso de Alencar - 2º) da Frente Estudantil Nacionalista – FEN, que exercia importante prestígio político no Crato e que foi cerceada pelo golpe militar. Pode também ter sido preso por ter participado de um congresso de agricultores. Ou por tudo isso. O certo é que ele era suspeito de ir contra o novo regime do país.

Na prisão, Elói Teles escreveu uma carta para sua filha, Sulamita, que, de acordo com Catullo Grangeiro Teles, não era uma carta para uma única pessoa, era como uma forma de enviar um “manifesto” ao seu povo (familiares, amigos, ouvintes, companheiros/camaradas) e também aos seus algozes.

O “MANIFESTO”, a seguir apresentado, esboça anseios de liberdade e apresenta o idealismo de Elói Teles, bem como sua visão de como serão difíceis os dias que estarão por vir.

*Crato, 1º de maio de 1964*

*Querida filha, Sulamita, muitos beijos.*

*Quero falar contigo, pois estou muito amargurado e tenho que dizer a alguém o que estou sentindo. Uso o papel, pois não posso falar com ninguém. Calaram a minha voz, felizmente não puderam calar o meu espírito. Falo contigo, através desta carta, a qual, creia-me, não é nenhum desabafo, mas apenas para explicar-te, porque não estou contigo hoje. Estou com muitas saudades de ti e da tua mãe. Minha filha, estou preso. Olho pelas grandes e vejo muitas crianças brincando. Vejo nelas a tua doçura, teu sorriso! A saudade aumenta e eu me sinto confortável pela esperança. Oro sozinho para que este drama termine logo, para voltar a te abraçar! Minha filha, tens hoje, um ano, um mês e seis dias apenas, e, amanhã certamente perguntarás o motivo desta minha prisão. Nem esta carta, nem eu mesmo posso responder... mas a história e somente ela poderá elucidar a tua dúvida. Quero, no entanto, que nunca te envergonhes do teu pai. Aqui estou, pagando o preço do idealismo, pois amo este Brasil com todo ardor que pode imaginar, e daí, ter nascido acentuadamente o ideal pelo qual respondo com o preço da liberdade. Depois de ouvirem-me fui encarcerado nesta infecta prisão e sempre mandaram um dos seus sequazes saber se estou pronto para flexibilizar. Até aqui estou firme. Não cedo perante os usurpadores, não temo os capacetes da arrogância, não prescindo do meu ideal. Quarenta e dois companheiros foram presos comigo... todos foram soltos. Mas eu fui escolhido para atrain-los, bem assim também aos que não foram presos e que estão sendo procurados. Fui deixado como bode expiatório e, parece que só sairei*

*quando atender o intento dos meus inquisidores. Peço a Deus para continuar de cabeça erguida, não cedi até agora! Espero continuar firme para quando sair dessa “pocilga”, respirar o ar puro da liberdade, poder abraçar os meus companheiros sem o travo, amargo dos fracos dos delatores. Hoje, fui avisado que serei levado para Fortaleza para no Quartel General da X Região Militar, responder novos inquéritos, digo, novos interrogatórios. Um avião da FAB me levará, escoltado pelo Coronel Pinheiro. Não estou com medo, embora saiba que por Brasil afora, estão matando, torturando milhares de presos políticos. As cadeias, os quartéis já não cabem mais. Estão usando navios prisões. Os nossos mares estão, pois, cheios deles, em cujo bojo estão os compatriotas dessa roda de golpistas, usurpadores do poder! Estão cometendo crimes terríveis em nome do golpe! Mesmo assim não tenho medo. Prefiro a morte a trair meus ideais. Nunca submeti a ordem, nunca filiei-me a facções políticas estranhas por interesses do país ou que sejam incompatíveis com as leis do Brasil. Nunca servi de instrumentos ameaçadores à segurança da pátria. Por isso estou tranquilo comigo mesmo, embora esteja nas mãos dos que ignoram a razão! Se, no entanto, o sublime ideal que carrego comigo, for considerado elemento de uma condenação, irei sorrindo responder pelo que for. Eles jamais prenderão o meu espírito.*

*Minha filha, quando cresceres, julgarás esta minha atitude. Peço a Deus que este julgamento seja imparcial. Um dia, a moeda mostrará o inverso, neste dia eu sorrirei, não para*

*clamar vingança, mas porque terei a glória de saber que contribuí com uma parcela de sacrifício para tal. Hoje, das grades frias que me cercam contemplo um futuro para ti. Não exijo que rezes pelo catecismo que empunho, pois, posso estar errado. Quero que ames a pátria, defendas os direitos humanos, dignifiques o teu nome, jamais subvertas a ordem, e, sobretudo não odeies. O amor é a essência de tudo! Estou tomando conhecimento que homens de bem estão sendo banidos da pátria, que cidadãos são levados de uma para outra prisão, mas desaparecem no caminho. Tudo isto a história julgará. Não os temo. O medo que tenho, o único, é ser forçado a beber do cálix da delação. Se isto acontecer, sentirei vergonha de olhar meus companheiros frente à gente. Mas se Deus me conceder a graça de não flexibilizar diante a prepotência dos capacetes, então serei um homem feliz sejam quais forem as consequências. Quero sair daqui para abraçar-te, mas só o farei se na minha consciência não existir a névoa dos pusilânimes. Sulamita, se eu tiver o destino dos que a esta altura, já tombaram (e estamos com apenas 15 dias de aquartelado), quando cresceres não penses em mim como herói ou como covarde. Não penses em mim como bravo ou como lacaios. Sou apenas um, entre outros os milhares de brasileiros que discordaram daqueles que às caladas da noite, negociaram a soberania da pátria e deram um golpe, sob pretextos frágeis. A eles direi NÃO! Estão chamando o levante militar de revolução. É o único de um trabalho dirigido, para deturpar a formação dos que hoje engatinham no bê-á-bá do civismo. Sei que tudo será*

*deturpado. A história será contada de acordo com interesses deles. Mas quando tu, que tens um aninho hoje, souberes abrir um dicionário, verás que revolução significa LUTA, ao invés de agradados; ideal e não interesses; ação ao invés de conchavos. Um dia saberás a verdade. O tempo, e somente ele será o juiz.*

*Sulamita, não sei o destino que me está reservado, poderei brevemente estar contigo, mas desconheço as intenções dos que me detêm, por isso, às caladas da noite, faço-te esta carta a qual também temo pelo seu destino, já que minha mala amanhã cedinho será revistada para a viagem. Não sei se ela chegará as tuas mãos, depois decidirei o que fazer com ela! São quase vinte e três horas. Na minha cela, dormem quatro desgraçados da sorte. São assassinos, vítimas desta sociedade contra a qual me insurji. A cela é grande, as paredes são imundas, o cheiro acre se espalha pelo ambiente. Lá fora o vento de maio sopra na copa dos oitizeiros. Eu, com serenidade aguardo-os com a cabeça erguida, consciência leve, espírito imaculado. Vire, pois só conseguimos estas folhas...*

*Minha filha, quero dizer-te uma coisa mais; tua mãe tem sido companheira dos meus dramas e tem se portado muito bem, embora não saiba com profundidade ao meu problema, e, principalmente aos meus princípios.*

*Compartilha com dignidade comigo, destes dias nebulosos. Pois esta, se um dia tu tiveres orgulho de mim, quando leres esta carta, orgulha-te também da tua mãe! Agradeço-te pelo carinho que tiveres para com esta carta e desculpes pelos sermões nela contido, pois foi feita em horas tão*

*incertas, em momentos tão nublados para mim. Tenho dúvidas, repito, se um dia chegarás a ler esta, mas seja o que a sorte reserva para mim e ela. Deus te abençoe. Beijos do teu pai, Elói.*

*Obs. Hoje, oito de junho, estou encerrado numa cela da 23 BC em Fortaleza. Já prestei vários depoimentos. Sou o mesmo. Não cedi até aqui. Estou incomunicável e já me levaram quatro vezes ao banho de sol. Ainda não sei o que farão comigo. Sei que neste quartel estão centenas de presos políticos. Hoje recebi uma cesta com frutas, doces, balas, conservas e um cartão: “Firme. Coragem”. Não sei quem mandou!*

## A QUESTÃO AGRÁRIA

A questão da reforma agrária, que só começou com a política de assentamento nos anos 80, ganhou destaque na década de 50, com a criação das Ligas Camponesas, a partir de organizações dos trabalhadores rurais, fundadas pelo Partido Comunista Brasileiro - PCB.

Em 30 de novembro de 1964, o presidente Castello Branco sancionou a Lei nº 4.504 – Estatuto da Terra, que regulava os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da reforma agrária e promoção da política agrícola. Isso foi feito porque o aumento dos movimentos camponeses se intensificou, uma vez que era uma das principais bandeiras do presidente deposto João Goulart. A ditadura, então, regulamentou o caso, ao seu modo.

As primeiras experiências organizacionais do campo apareceram na década de 1950 com a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil – Ultab, ligada ao Partido Comunista Brasileiro – PCB. Em 1956, a Ultab realizou um congresso de trabalhadores rurais no Ceará. Elói Teles pode ter participado desse encontro, pois, seus familiares relatam que sua prisão, em 1964, se deu devido a uma participação sua em um congresso de trabalhadores, porém, não sabem qual e nem onde. Não há registro comprovado de sua filiação à Ultab.

Nos anos 60 e 70, a Igreja Católica e o PCB formaram sindicatos rurais e elaboraram o Estatuto do Trabalhador Rural – ETR; todavia, todos esses atos foram sufocados pela ditadura e mascarados pela Lei nº 4.504/64.

Em 1962, foram criados os primeiros sindicatos de trabalhadores rurais no Ceará - STR-CE, com controle do Ministério do Trabalho e Previdência Social durante o processo.

No Crato, o STR, também de 1962, teve o reconhecimento oficial publicado no Diário Oficial da União – DOU, de 9 de julho de 1962. Isso só aconteceu porque teve apoio da Igreja Católica, por meio da Fundação Padre Ibiapina – Diocese do Crato. Este município sediava os STR de Farias Brito, Santana do Cariri, Nova Olinda e Araripe. Destaca-se aqui, que de acordo com José Flávio Vieira, a igreja facilitava a criação de sindicatos para colocar seus “olheiros/delatores” na composição da diretoria ou mesmo entre os membros.

Na clandestinidade, a vida de quem fazia oposição ao golpe militar era repleta de coragem, firmeza e medo. As perseguições eram diárias até para parentes e amigos daqueles que poderiam ser alvo certo, assim como aconteceu com o empresário Ernani Silva e, também, com



o senhor Francisco (Chico) Soares – este foi detido por ser homônimo de um sindicalista de Barbalha; Ernani Silva, talvez por ser casado com a prima de Miguel Arraes e/ou pelo caso das saúvas no seu sítio.

Elói Teles agia juntamente com um grupo organizado que tinha bases em Fortaleza e Recife, segundo dados do Superior Tribunal Militar, porém, um trabalho no qual ele se destacou foi o de manter contato com os editores do Jornal Terra Livre, que era voltado aos camponeses.

O Jornal Terra Livre era editado em São Paulo; foi fundado em 3 de maio de 1949, como órgão legítimo das massas camponesas no Brasil. Era feito por membros do PCB, ligados a Leandro Bezerra da Costa, um comunista do Ceará, que era repórter do Terra Livre. Elói distribuía esses jornais no Cariri, pois, enquanto comunicador, ele sabia da importância da imprensa como uma trilha educativa e de conscientização do povo.

José Leandro recebeu a denominação de “corretor de assinaturas de honra”, porque houve um aumento significativo de vendas nesse estado e, em 1956, na coluna Vida de Terra Livre, há elogios

| NOME                          | MUNICÍPIO | QUANTIDADE |
|-------------------------------|-----------|------------|
| Elói Teles de Moraes          | Crato     | 30         |
| Vicente Pompeu de Sousa       | Iguatu    | 30         |
| Antônio Monteiro              | Aracati   | 10         |
| Francisco das Chagas Teixeira | Camocim   | 10         |
| José Alves Pereira            | Quixadá   | 20         |
| Raimundo Gregório Celestino   | Cedro     | 10         |
| Jesus Batista de Oliveira     | Fortaleza | 20         |

|                        |        |    |
|------------------------|--------|----|
| Heitor Bastos Silveira | Pacoti | 10 |
|------------------------|--------|----|

DIFUSÃO DO JORNAL TERRA LIVRE, NO CEARÁ. Fonte: Arquivo Permanente do Estado de São Paulo. Quadro organizado por Enilce Lima Cavalcante, na sua dissertação de mestrado intitulada Campo e Palavras – Dimensões da questão Agrária no Ceará – 1954/1964, UFC – 2005.

a todos os agentes locais do Ceará devido à difusão e ampliação de venda do jornal.

## ALGUNS RECORTES DO JORNAL TERRA LIVRE QUE

### CITAM O CEARÁ, O CRATO E ELÓI TELES

Terra Livre, 2ª quinzena de abril de 1955, p.4(...) Em Crateús, Granja



e Camocim, as Comissões Municipais pela Reforma Agrária foram fundadas também com grande apoio popular, ficando na presidência das mesmas três vereadores (...). Em Crato, a Comissão foi fundada na sede do Cariri Sport Club, precedida de ampla propaganda na Rádio e

## ENTREGA GRATUITA DAS TERRAS DEVOLUTAS PODEM OS LAVRADORES POBRES DO CEARÁ

FORTALEZA (Por José Leandro) — A campanha pela entrega das terras devolutas do Estado, gratuitamente, aos lavradores pobres, vem despertando entusiasmo crescente no Interior do Ceará. Muitos abaixo-assinados já foram encaminhados pelas comissões às autoridades e agora estão se realizando discussões sobre este assunto nas assembleias das associações filiadas à União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará (ULTAC).

### UM MILHÃO E MEIO DE HECTARES

Segundo a opinião de alguns estudiosos, como o dr. Hildebrando Spinola, existem cerca de um milhão e quinhentos mil hectares de terras devolutas no Ceará. Nos estudos e reconhecimentos prévios feitos pelo Departamento de Terras e Colonização, já foram cadastradas 733.821 hectares de terras devolutas, nos seguintes municípios: Acopiara, 9.636; Aracoiaba, 108.280; Aracati, 2.181; Baturité, 35.065; Camocim, 147.330; Crato, 111.055; Independência, 12.668; Itapagé, 14.913; Itapipoca, 86.834; Pacajús, 41.249; Pentecostes, 3.326; Quixadá, 17.124; Quixeramobim, 27.252; Russas, 4.073; Sta. Quitéria, 3.164; Senador Pompeu, 32.360; Sobral, 72.591 hectares.

Existe uma lei de terras do Estado, que manda vender as terras devolutas e dar preferência a quem está de posse das mesmas, ou que seja vizinho. Nessa lei é que se baseia o diretor do D. T. C. para dizer que está diante de um empecilho. Ele afirma que só pretende entregar as terras devolutas aos camponeses pobres que vão trabalhar a terra com seus braços.

Este é também o ponto de vista defendido pela nossa organização, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará. As terras devolutas devem ser distribuídas gratuitamente a quem de fato trabalha na terra. Neste sentido deve ser feita uma nova lei, que retire a preferência da entrega dessas terras a quem esteja de posse delas ou seja vizinho. Isto porque os grandes proprietários, na maioria dos lugares, já se apossaram das terras devolutas — e eles terão que devolvê-las para que sejam distribuídas com os camponeses pobres.

amplificadora locais.

Terra Livre Ano VII 2ª quinzena de maio 1956

(...) Segundo a opinião de alguns estudiosos, como o dr. Hildebrando Spinola, existem cerca de um milhão e quinhentos mil hectares de terras devolutas no Ceará. Nos estudos e reconhecimentos prévios feitos pelo Departamento de Terras e Colonização, já foram cadastrados 733.821 hectares de terras devolutas, nos seguintes municípios: (...) Crato, 111.055 (...).



A assembleia geral realizada pela União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará (ULTAC) em 18 de dezembro de 1955, está dando os seus frutos. Novas associações de lavradores estão sendo criadas em diversos pontos do Estado. Na foto acima, vista parcial da reunião de dezembro, em Fortaleza.

## Analfabetismo na serra de Ibiapaba

Assinada pelos diretores da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará



Terra Livre São Paulo, 2ª quinzena de junho de 1956

“Quem diz que se acabou o cativoiro nunca trabalhou nessas bibocas” (...)  
**MUNICÍPIO POR ESTADO (...)** No município de Crato, Sítio Batateira, o assalariado José Barbosa disse: “Deus queira que já venha a Reforma Agrária. Nós, trabalhadores na Serra do Araripe e tudo ali é nosso. Depois que chegaram os ricos Pedro Felipe, Benedito Teles, João Correia, Valdemar Alencar e outros mais, cercaram tudo de arame e não querem nem que a gente apanhe água nas nascentes do pé da Serra. Tenho fé que isso vai acabar e a demora só está mesmo dependendo de nossa união.

Na feira do Crato, o lavrador José Antônio dos Santos, sabendo que a reportagem de TERRA LIVRE estava ali, foi logo dizendo: “Pois o senhor se apronte para ouvir coisa de arrepiar nesse Crato. Os donos de engenho não dão mais moradia a gente. Só de nós “assujeitar” a trabalhar dois dias na semana a cinco mil réis o dia, a nossa custa. Se falta um dia, vai logo pra fora no outro dia e perde tudo que tiver plantado. Mas eu tenho fé que ainda vem um governo que dê terra aos pobres”.

# RECEBEMOS SUA CARTA



MANOEL FERREIRA DE LIMA — Magé — Estado do Rio — Recebemos sua carta comunicando que foi fundada a Associação dos Lavradores do Município de Magé. Não publicamos antes porque o jornal não tem circulado devido a situação difícil que está atravessando.

ELOI TELES DE MORAIS — Crato — Ceará — Vamos atender ao seu pedido. Aguarde.

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS FILHO — Itajubá — Minas Gerais — Registramos aqui sua reclamação sobre a carência de vida que aumenta de dia a dia. É um fato a sua afirmação de que se não

Terra Livre — São Paulo ano IX, abril de 1957

ELÓI TELES DE MORAIS — Crato — Ceará — Vamos atender ao seu pedido. Aguarde.

## VIDA de TERRA LIVRE

### CEARÁ NA DIANTEIRA DA CAMPANHA PELOS MIL NOVOS ASSINANTES

O nosso agente no Estado do Ceará, sr. Manoel Coelho Raposo, começou a nossa Redação que, em apenas treze dias de trabalho, conseguiu ultrapassar a sua cota de três meses na Campanha pelos mil novos assinantes de TERRA LIVRE.

Esse exemplo mostra que a Campanha pode se tornar vitoriosa em

toda o Brasil, desde que os agentes de nosso jornal façam um grande trabalho entre o povo da roça, fazendo com que cada pessoa procurada seja um novo assinante de Terra Livre. A experiência do Ceará, que já publicamos em nosso número passado, é que lá o nosso agente geral trabalha com um plano bem feito.

APROVEITE ESTAS EXPERIÊNCIAS

Terra Livre — 2ª quinzena de agosto de 1956

**THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY, ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS**  
ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS  
155 E. 42ND ST. NEW YORK 17, N.Y.  
ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS  
155 E. 42ND ST. NEW YORK 17, N.Y.  
ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS  
155 E. 42ND ST. NEW YORK 17, N.Y.

Parte deste poema foi publicada no  
Jornal Terra Livre - Notícias do

Ceará – Correspondentes (Terra Livre –SP, nº 98, março, 1961, p.5)

## REFORMA AGRÁRIA

Patativa do Assaré

*Caboco Mané Lorenço  
Meu colega e meu amigo  
Que pensa aquilo que eu  
penso  
E diz aquilo que eu digo  
Nós semo da merma laia  
Dos coitado que trabaia  
Ou na diária ou de meia*

*Nós pertence a mesma  
crasse  
Dessas criança que nasce  
Em riba das terra alheia  
Amigo o que você pensa  
Onde a gente vai chegar?  
Com essa grande sentença  
Sem terra pra trabaia*

*Quem presta atenção  
descobre  
Que o sacrificio do pobre  
É de arrupia cabelo  
Desde o campo inté na praça  
Quando mais dia se passa  
Mais aumenta o dirmantelo  
Tá tudo correndo estreito*

*Quando um geme ou outro  
chora*

*É preciso haver um jeito  
Pra vê se a coisa miora  
Nós, matuto brasileiro  
Vivemo no cativairo  
As terra dessa nação  
Pra todo lado se expande  
Dominada por os  
grande E os pobre  
na sujeição*

*Era só o que fartava  
Deus fez a terra pra  
gente  
Prantá feijão, mi e fava  
Arroz e toda semente  
E esses latifundiário  
Egoísta e usuraro  
Sem que nem pra se  
apossa  
E nós nesse cativairo  
Sendo agregado e  
rendero  
Da mesma terra que é  
nossa*

*Ninguém vê ninguém  
repara  
Nosso grande padecê  
Por isso reforma agrária  
Nós mermo vamo fazê  
Nós todo junto, os sem-  
terra*

*No vale, sertão e serra  
Promovendo uma campanha  
Abalando toda gente  
Ficando assim iguarmente  
Formiga quando se assanha*

*E você Mané Lorenço  
Que tem voz forte e grossa  
Que pensa aquilo que eu  
penso  
Vá gritando “A terra é  
nossa”*

*Leste, oeste, sul e norte  
Ouvindo esse grito forte  
Com coragem se prepara  
E assim com essa união  
Sem precisar de lição  
Nós faz a reforma agrária*

*Vamo lutá com respeito  
Com Jesus do nosso lado  
Lutá por nossos direitos  
Foi sempre um deve sagrado  
Nessa terra que Deus fez  
Dessa vez os camponês  
Faz a maior frivioca  
No sertão, serra e caatiga  
Tá igual a pixilinga  
Que dá nas galinha choca*

*E se os poderoso ingrato,  
Impiedoso e incremente  
Mandar a força pro mato*

*Pra mode atirar na gente  
Ninguém vai temer a  
guerra  
Vamo é defender a terra  
Quem precisa é quem se  
istira  
Que fome não é  
brinquedo  
Vai correr gente com  
medo  
Com murrato e  
macambira*

*Sem-terra medo num tem  
Pobre coragem pissui  
Quando a força matar  
cem  
Tem mil e substitui  
Sei que vai ser triste a  
cena  
É mermo que fazê pena  
Morre cem de quando em  
quando  
De mil fica resistindo  
Os morto pro céu  
subindo  
E os vivo embaixo  
lutando*

*Por causa de nós sofrê  
Igual a boi de manjarra  
Semo obrigado a fazê*

*Reforma agrária na marra  
Pra neto, fio e pai  
A reforma agora sai  
Que ache bom ou ache ruim  
Seja na guerra ou na paz  
Seu dotô a gente faz  
Reforma agrária é assim*



Poesia lida por Elói Teles  
no programa Coisas do  
Meu Sertão, em 1999.  
Fonte: [youtube.com/watch?v=4g5TtwpKCv4](https://youtube.com/watch?v=4g5TtwpKCv4), aces-  
so em 23/01/2025





DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DELEGACIA REGIONAL DO DPF NO CEARÁ  
Térmo de declarações que presta  
na forma sancionada

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA PARA FINS DE CONTABILIDADE, NA FORMA ABAIXO:

[illegible][illegible]

silva, funcionário desta Delegacia,  
presente, da, Delegacia de Polícia  
v. Delegado de Polícia  
Delegado de Polícia  
Delegado de Polícia  
Delegado de Polícia  
Delegado de Polícia

## TERCEIRA PARTE

# No Departamento da Polícia Federal

## DOCUMENTOS OFICIAIS

Nos documentos oficiais do governo brasileiro referentes ao período ditatorial, muitos deles de acesso relativamente fácil ao público, ressaltam-se:

Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966 – convoca o congresso nacional para se reunir extraordinariamente, de 12 de dezembro de 1966 a 24 de janeiro de 1967, para discussão, votação e promulgação do projeto de Constituição apresentado pelo presidente da República. Assinado pelo presidente Castello Branco.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1967 - Institucionalização e legitimação do regime militar, reforçando o poder executivo e restringindo direitos e liberdades individuais.

O Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, no qual são mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; o Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de dez anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências.

O Ato Institucional nº 12, de 31 de agosto de 1969, que dispõe sobre o exercício temporário das funções de Presidente da República pelos Ministros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, enquanto durar o impedimento, por motivo de saúde, do Marechal Arthur da Costa e Silva.

Decreto-Lei nº 898, de 29 de setembro de 1969, que define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social do Brasil, estabelecendo seu processo e julgamento, foi assinado pelos ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar, usando das atribuições que lhes confere o artigo 1º do Ato Institucional nº 12,

de 31 de agosto de 1969, combinado com o parágrafo 1º do artigo 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, em Brasília, dia 29 de setembro de 1969; 148º da Independência e 81º da República. (p.8162), AUGUSTO HAMANN RADEMAKER GRÜNEWALD, AURÉLIO DE LYRA TAVARES, MÁRCIO DE SOUZA E MELLO e Luís Antônio da Gama e Silva (Ministro da Justiça – possível redator do AI5).

Emenda Constitucional de 1969 que consolidou o poder da junta militar que governava o país na época, após a saída do presidente Artur da Costa e Silva.

Brasil Nunca Mais Digital - Íntegra de Processo BNM - Ministério Público Federal BNM 461 – Ação penal 23/72 Apelação Superior Tribunal Militar nº 40.289STM, em [bnmdigital.mpf.mp.br](http://bnmdigital.mpf.mp.br)

Destacam-se, agora, pontos dos Termos de Declarações prestados em 1972, na sede da Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal, de todos aqueles declarantes que citaram o nome de Elói Teles de Moraes.

**Termo de Declarações que presta Geraldo Alves Formiga, em 11 de janeiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...) DECLAROU: (...) -/ que o declarante, aproximadamente no ano de 1956, quando da Escola Técnica de Comércio, ingressou na Frente Estudantil Nacionalista, onde se fazia campanha para a eletrificação do Cariri, tendo então, travado conhecimento com Ruy e José de Brito, Eloy Teles, Everardo Correia e João Mousinho; que, aproximadamente dois anos após, o declarante é eleito Diretor da União dos Estudantes do Crato/“UEC”; Afirmou das discussões que abordavam o nacionalismo como tema, o declarante foi [REDACTED] ter comunista, na casa de Zé Clemente, reuniões onde também participavam Arrudinha, Assis Carmino, Jayme Caribé, José de Brito, **Eloy Teles**, Ivan de Brito e Ruy de Brito; que nessas reuniões era focalizado a ascensão do Partido Comunista ao poder dirigente da Nação; outras reuniões foram feitas na casa de Zé Clemente, de um tal de Zé Pedro e na de Evilásio junto ao Pau-do-Guarda, onde além dos referidos indivíduos, também participavam Juvenal, Nenem do bar, Gonçalo-flor e um [REDACTED] **Carimbé**; que reuniões também eram efetuadas na Sociedade de Lavradores e Camponeses por José Araújo, Saturnino, Pedro Saraiva, **Eloy Teles** e o declarante, bem como algumas reuniões no Cariri Esporte Clube; que próximo à Revolução de 1964 apareceu, em Crato, este moço que veio com o declarante e mais Patrício, detido, para Fortaleza, como o nome de Santa Cruz, que agora o declarante saber ter também o codinome de Marcos e o nome verdadeiro de José Sales de Oliveira; que o referido Santa Cruz demonstrava grandes conhecimentos sobre os partidos comunistas apregoando que deveria estruturar um partido em **Crato estabelecendo célula e** outras atividades; que Santa Cruz convidou o declarante, **Eloy**, Luís Gonzaga, Valmir Farias e Arrudinha para uma reunião na serra, parecendo ao declarante que

também Everardo Norões compareceu; que a palavra de ordem nessa reunião era arranjar armas, comprando ou tomando da polícia e, ainda, se procurando organizar guerrilha na serra, posto que é uma boa região para tal; que o declarante, **Eloy Teles** e Arrudinha achavam que, não só porque a serra do Araripe não tem água própria, a região é local de muito fazendeiro rico e tinha clero muito forte, como também havia vários movimentos Partido Comunista, Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil, eles então não iriam tomar qualquer atitude; que em 1964 o declarante entrou para a Faculdade de Ciências Econômicas de Crato, sendo eleito a um cargo no Diretório Acadêmico; (...)

**Termo de Declarações que presta Patrício de Medeiros, em 11 de janeiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...)DECLAROU (...) -que o declarante chegou a Crato em 29 de outubro de 1959; que mais ou menos em 1961, o declarante conheceu Assis Carmino e Everardo Norões, os quais lhe deram panfletos de teor comunistas enfocando a luta de classes e o operário/ unido contra o imperialismo norte-americano; que em 1962 o declarante costumava/conversar assuntos referentes à ideologias comunistas com os seguintes elementos: Rui de Brito, Luís Gonzaga Martins, Everardo Norões, Assis Carmino, José de Brito, **Eloy Teles**, Jayme Carimbé, Ivan de Brito e José Arruda Lopes, vulgo “Arrudinha”; - que, possivelmente, em fins de 1965, o declarante foi procurado em sua residência/ por Everardo Norões, Geraldo Formiga, **Eloy Teles**, Luís Gonzaga Martins, e Arrudinha, com os quais se dirigiu para a serra do Araripe, nas proximidades do aeroporto, onde fizeram uma reunião abordando tema doutrina da religião comunista aos camponeses, digo, doutrina da ideologia comunista aos camponeses e a utilização de um mimeógrafo na confecção de panfletos, os quais seriam distribuídos em Crato e imediações; que no dia 4 de dezembro de

1971 o declarante se encontrando com Arrudinha, ouviu deste que havia um amigo seu para apresentar ao declarante que era pessoa relacionada com “a nossa turma”, e o Arrudinha indagou, ainda, por Geraldo Formiga, **Eloy Teles** e outros ao que o declarante respondeu que nem ele, nem os demais, estavam interessados em qualquer tipo de conversa que focalizasse “aquêlê assunto”; que Arrudinha insistiu para que o declarante fizesse um encontro com o tal amigo, ao que o declarante se recordando das palavras de Everardo Norões, o qual o avisara que todo aquêlê que abandonasse o partido seria eliminado, assentiu em tal encontro; que no dia 6 de dezembro Arrudinha, acompanhado do indivíduo procurou o declarante na área da estação-rádio da VARIG; que Arrudinha deixou o tal indivíduo com o declarante e se afastou; que o declarante reconhece dentre as inúmeras fotografias que lhe foram apresentadas, a pertencente a José Calistrato Cardoso, como sendo o indivíduo que lhe fora apresentado por Arrudinha; que nessa ocasião, o referido indivíduo indagou do declarante como estava “a turma”, em Crato, bem como o Formiga, **Eloy Teles**, o Luís Gonzaga e outros, ao que o declarante respondeu estarem todos fora dessa situação; que o aludido indivíduo, José Calistrato Cardoso, falou ao declarante que possivelmente seria feito um assalto a um banco de Crato, para o que viria gente do sul, acostumada a assalto, apara estudar como iria ser feito o referido assalto, **insistindo ainda para que o declarante entrasse em contato com Geraldo Formiga, Eloy Teles** e Luís Gonzaga Martins avisando-os sôbre a conversa que estavam tendo naquele momento; (...).

**Termo de reinquirição que presta Geraldo Alves Formiga, em 14 de janeiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...)DISSE: (...) que o/ declarante ratifica os termos de suas declarações prestadas aos onze dias do mês de janeiro do corrente

ano, nesta Delegacia Regional por serem a expressão da verdade; que desde 1953, ao dar baixa no Exército Brasileiro, o declarante passou a se interessar por problemas políticos, não tendo se limitado a pensamentos, passando a exercer atividades com as quais

pretendia que fossem realizadas obras/ de aspiração popular, tais como, a eletrificação do Cariri que foi antecedida de uma campanha encabeçada pelo declarante, “EVERARDO CORREIA” “JOÃO MOUSINHO”, “**ELÓI TELES**”, “IVAN DE BRITO”, “RUI BRITO” e outros que o declarante não se recorda, sendo certo que eram encabeçados por “JOSÉ DE BRITO”; que tal campanha era ativada pelo grupo acima descrito, com a realização de passeatas, comícios, e com faixas e cartazes; que a essa época o declarante ainda não tinha noção exata sobre o comunismo o que somente ocorreu por volta de 1954, dois/ anos depois; que o declarante lia os jornais do Partido Comunista,/ tendo lido o estatuto do mesmo partido e livros, tais como: “A vida de Luís Carlos Prestes, intitulado “O Cavaleiro da Esperança; que // tais livros eram dados ao declarante por JOSÉ DE BRITO em reuniões ocorridas na casa de “JOSÉ CLEMENTE” (...)que após a Revolução o declarante foi preso duas vezes consecutiva, tendo respondido a inquérito policial militar, presidido por um oficial do Exército que se deslocou para a Cidade do Crato, sendo que o declarante nunca veio a saber o resultado daquele IPM; que por volta de 1968, “SANTA CRUZ”

GA, não sabendo declarante especificar, chamou o declarante e a outros para se reunirem clandestinamente na Serra do Araripe ou JOSÉ SALES DE OLIVEIRA, retornou ao Crato, tendo **ELÓI TELES** ou LUÍS GONZA,

num descampado a uns três quilômetros da subida; que essa reunião foi promovida por JOSÉ SALES DE OLIVEIRA, após a chegada de EVERARDO NORÕES da Europa, onde esteve por

uns três anos; [REDACTED] finalidade rearticular os membros do PCB da região de Crato e// Juazeiro; que na referida reunião foram tratados de problemas// políticos onde o grupo pretendia a obtenção de meios para desencadear um movimento revolucionário, a fim de sobrepujar as forças legais do governo federal e assumir o poder da Nação; que/ nessa reunião foram ventiladas hipóteses para a aquisição de armas para o grupo, então reunido e para os demais que formariam posteriormente; que entre essas hipóteses existiam a de assaltar delegacias regionais e quateís, digo, quartéis e de roubarem casas comerciais de vendas de armas e munições,(...).

**Termo de Declarações que presta Luís Gonzaga Bezerra Martins, em 02 de fevereiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...) DISSE: (...) que em janeiro de 1964, o declarante veio do Rio de Janeiro para o Crato, onde se estabeleceu com um escritório de vendas imobiliárias; que o declarante era simpatizante das idéias e atitudes do governo da época indo mais além para adotar a ideologia comunista; (...) que em 1967 ou 1968, o declarante foi procurado em sua residência por EVERARDO NORÕES, pessoa a quem se ligava por amizade e vínculo político, que lhe mandou entrar no carro; que mais adiante o declarante e EVERARDO apanharam **ELÓI TELES** quando então EVERARDO disse que um sujeito espetacular os esperavam na Serra para uma reunião; que rumaram em direção ao Campo de Aviação do Crato, onde se reuniram a uns dois quilômetros acima do mesmo; que no local já se encontrava ARRUDINHA, PATRÍCIO, GERALDO FORMIGA e seu jipe e o SANTA CRUZ, pessoa que o declarante conhecera em 1964, quando o mesmo esteve em Crato visitando aqueles que haviam sido detidos pela Revolução e que se encontravam em liberdade; (...) que o declarante não se recorda de ter **ELÓI TELES** passado mal; (...)

**Termo de Declarações que presta JOSÉ ARRUDA LOPES, em 20 de janeiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...) DISSE: (...) que o declarante participou de [REDACTED] **Serra do Araripe**, cerca de dois quilômetros do aeroporto de Crato; que nessa reunião onde compareceram, além do declarante, Geraldo Formiga, Patrício de Medeiros, **Eloy Teles**, Luís Gonzaga Martins e Everardo Norões, o assunto foi um mimeógrafo que o declarante deveria consertar, para a edição de panfletos; para o aprendizado da confecção de bombas “coquetel Molotov”, tendo Everardo ensinado como fazê-la, se recordando o declarante apenas que entrava gasolina, garrafas e outras misturas, e que os panfletos seriam distribuídos entre os camponeses e na cidade; que o rapaz dono do engenho que compareceu à reunião com “ZEQUINHA” é cunhado de um dentista do Crato, de nome Antônio, reformado do Exército, sendo o tal rapaz irmão da secretária do Brisola; que o Zé Professor, alguns meses após a estada de “ZEQUINHA” no Crato, voltou ao declarante, convidando-o para participar de uma reunião em Fortaleza, cuja finalidade seria instalar a guerrilha no vale do Cariri; (...)

**Termo de Declarações que presta JOSÉ SALES DE OLIVEIRA, em 13 de janeiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...) DISSE: (...) que o declarante vai ao Crato onde deveria manter entendimentos com Auderley, tendo este lhe apresentado Arrudinha, Geraldo Formiga, Valmir, Zé de Brito, Luís Gonzaga, Jayme Carimbé, que fora motorista de Prestes, **Eloy** e Everardo Norões, **tendo se reunido na Serra do Araripe** para discutir documentos e conseguir captá-los para a área do PC do B; (...)

**Termo de Declarações que presta VALMIR ARRAES DE FARIAS, em 9 de fevereiro de 1972, em Fortaleza-CE na sede da Delegacia Regional do DPF – inspetor Sérgio Maciel Valim**

(...)DISSE: (...) que em 1964, o declarando foi procurando, digo, apresentado a um indivíduo de nome “Santa Cruz”, o qual procurava **reestruturar o Partido Comunista, em Crato,** tendo para isso se reunido com Luís Gonzaga, o declarante, **Elói,** Zé de Brito e outros nos fundos de **um hotel na Bárbara de Alencar com Santos Dumont, sem que o proprietário soubesse,** posto que se entrava por um portão nos fundos do Hotel(...)

## ELÓI TELES PRESTA DEPOIMENTO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL DO DPF NO CEARÁ

Têrmo de declarações que presta Elói Teles de Moraes, na forma abaixo:

Ao primeiro dia do mês de fevereiro de mil novecentos e setenta e

dois, //nesta cidade de Fortaleza e na sede da Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal, onde se encontrava o Dr. Sérgio Maciel Valim, Inspetor de Polícia Federal, comigo Escrivão ao final assinado, aí presente ELÓI TELES DE MORAIS, brasileiro, natural de Crato/Ce, filho de Pedro Teles de Moraes e de Ana de Almeida Teles, nascido em 19 de abril de 1936, casado, funcionário público federal do Ministério da Agricultura, residente na rua Evangelista Gonçalves, 22, Bairro do Pimenta, em Crato, sabendo ler e escrever, o qual inquirido DISSE: que o declarante, em 1958 foi convidado para ser Secretário da Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, a qual muito fez em prol do agricultor, motivo pelo que passou a ser vista como atividade comunista, embora, efetivamente, em 1964, se fizesse //prova de que a Federação dessas associações, em Fortaleza, tinha células comunistas, que, por volta de 1962, o declarante foi procurado por ZÉ CLEMENTE, tendo êste dado ao declarante alguns folhetos e jornais para que o declarante lesse e entendesse da necessidade do país se livrar do imperialismo norte-americano; que ZÉ CLEMENTE //passou a frequentar a Associação, tanto de certa feita, convidando o declarante a participar de uma reunião em sua casa, à qual o declarante compareceu e onde estavam algumas pessoas das quais o declarante somente recorda do ZÉ e de um tal /de AFONSO; que paralelamente o declarante /começou a sentir as tendências que tomavam a /Associação, isto é, não só pelas palavras do clero local, como também a Associação tomou a bandeira da Reforma Agrária que na época pertencia aos simpatizantes de esquerda; que o declarante foi a mais uma reunião levado por ZÉ CLEMENTE, em casa de ZÉ PEDRO, onde estiveram presentes:



CARMINO, JAYME CARIMBÉ, não se recordando outras pessoas se estavam presente; que nessa reunião o declarante sentiu que havia um cunho comunista, ponto que, foi tratada a estruturação do Partido Comunista; que o declarante procurou se afastar dessas reuniões e deixar a Associação, foi pôsto, digo, a Associação, o que foi feito; que o declarante em 1964 foi detido por autoridades militares e trazido para Fortaleza, onde, após prestar declarações, sobre a Associação, foi posto em liberdade, não tendo prestado, ou melhor, não tendo respondido inquérito; que em 1966 o declarante foi procurado, em sua repartição, por um indivíduo moreno, o qual o declarante o reconhece dentre as fotografias que lhes são apresentadas como sendo JOSÉ SALES DE OLIVEIRA, o qual lhe pediu para reunir a turma de simpatizantes de esquerda, ao que o declarante respondeu negativamente; que em //1967, o declarante foi o declarante foi procurado, em sua repartição, por um indivíduo barbado, de chapéu de palha, jovem, que chamou o declarante para conversar e iniciou dizendo que queria conversar e iniciou dizendo que queria que o declarante procurasse uma turma de simpatizantes de esquerda para reunir; que imediatamente o declarante levantou e pediu ao indivíduo que nada mais dissesse, pôsto que nada sobre aquele assunto o interessava, nem mesmo o nome do tal indivíduo ou o local de onde vinha; que o declarante em 1968 foi procurado por EVERARDO NORÕES que o procurou para uma reunião e indagado pelo declarante se era só com êle, respondeu que vinha outras pessoas inclusive gente de fora; que o declarante considerou que essa seria uma boa ocasião para demonstrar a todos que simpatizavam com a esquerda, quer essa não era a sua posição e que não mais deveriam procurá-lo; que o declarante aquiesceu ir a tal reunião o que foi feito ao carro /de EVERARDO e em companhia de LUIZ GONZAGA, dirigindo-se o carro para a Serra do Araripe, uns dois quilômetros acima do Campo de Aviação do Crato; que em lá chegando se encontrava, um jipe, GERALDO FORMIGA, ARRUDINHA, PATRÍCIO e

o moreno que em 1966 pedira ao declarante para reunir grupos em Crato, que lhe foi apresentado como sendo “SANTA CRUZ”; que o declarante em virtude de estar passando mal de uma enxaqueca, não tomou parte ativa na reunião, em que ter EVERARDO e SANTA CRUZ pregado que era necessário arregimentar gente para levantar a região e estabelecer focos de guerrilha, porquanto a mesma se apresentava propícia para tal; que deveria procurar esclarecer o povo sobre a tomada de posição contra o imperialismo norte-americano, contra o latifundiário e distribuir panfletos que seriam impressos em mimeógrafo; que o declarante, dada a sua condição doente, no entanto, não pôde se //expressar para que entendessem sua posição contrária a tudo aquilo; que o declarante se desligou completamente dessas ligações, inclusive participando tal decisão ao EVERARDO; que o declarante não mais foi procurado desde /então. Nada mais havendo, mandou a autoridade encerrar o presente que, lido e achado conforme assina com o declarante e com Jayme Pereira e Jair da //Silva, funcionários desta Delegacia Regional que assistiram a leitura do presente. Eu, <assinatura>, Escrivão, o datilografei e subscrevo.

O documento em si já aponta a força do Estado ao impor sua visão política e econômica, servindo o interrogatório como ferramenta de controle ideológico com a estratégia de criminalizar a oposição ao regime militar. A doutrina da “segurança nacional”, que via o “inimigo interno” – o comunista, como ameaça constante, usa do seu aparato repressivo para dominar o interrogatório em todas as suas vertentes. O fato de Elói Teles de Moraes citar nomes de companheiros e descrever suas atividades pode ser analisado como resultado de intimidação ou ameaça, pois cada pergunta feita já vem direcionada a um tipo x de resposta, quer dizer, aquela que melhor se adapte ao controle do sistema ditatorial.

A associação aos movimentos sociais era vista como atividade comunista. A comprovação da participação de Elói Teles na serra do Araripe já encerra ato subversivo.

Elói Teles de Moraes ter sido libertado, por duas vezes, reflete a falta de critérios jurídicos, ou seja, uma combinação de fatores políticos e, inclusive, estratégicos. Como exemplo, Elói ser, na época, uma pessoa conhecida e admirada no Crato, ter um certo grau de relacionamento com políticos (Pedro Felício Cavalcanti, Ariovaldo Carvalho); da mesma forma, a soltura de alguns poderia servir para desarticular redes. Vale ressaltar que as decisões também dependiam do comando local e do momento político.

## “JURO”

Em 1966, chegou ao Crato um membro do Partido Comunista Brasileiro chamado José Sales de Oliveira, de codinomes Santa Cruz ou Marcos, nascido em Manaus-AM, em 1941, para uma reunião que aconteceu no Cariri Esporte Clube, local em que Elói Teles tinha livre acesso, devido as suas atividades em favor do esporte, principalmente o futebol. Neste encontro, Santa Cruz pediu a Elói que o ajudasse a reunir grupos no Crato. Fato é que foi marcada uma reunião na serra, nas proximidades do aeroporto Nossa Senhora de Fátima (inaugurado em 1953 e desativado na década de 1970), na Chapada do Araripe.

Os depoimentos dados ao Departamento de Polícia Federal, na Delegacia Regional do DPF no Ceará, contam que estiveram presentes ou que foram convidados para a reunião na serra, em 1968: Elói Teles, Zé de Brito, Geraldo Formiga, Luís Gonzaga, Valmir Farias, Arrudinha (José Arruda Lopes, ligado a Carlos Marighela, membro do grupo de Santa Cruz), Patrício de Medeiros, Everardo Norões, Jayme Caribé, Auderley e José Calistrato Cardoso. A pauta da reunião foi apresentada por Santa Cruz: encontrar meios para desencadear um movimento revolucionário. As ações seriam: conseguir armas – compradas ou roubadas da polícia; assaltar delegacias policiais e quartéis; assaltar casas comerciais de vendas de armas e munições e assaltar bancos. Conseguir um mimeógrafo - ou então Arrudinha consertar um já em posse do grupo, para confecção de panfletos a serem distribuídos à população, contendo a divulgação da ideologia

comunista entre os camponeses. Tudo isso para que pudesse ser desencadeado um movimento revolucionário a partir do Cariri, rearticulando os membros do PCB.

As discussões na serra constataram que havia impossibilidade de a guerrilha acontecer naquele lugar. Elói Teles e Arrudinha discordaram do local, pois não havia água e as terras pertenciam a fazendeiros ricos da região, o que dificultaria muito a ação e, também, porque o clero era muito forte no Cariri e seria difícil formar guerrilheiros.

Durante seu depoimento ao Departamento de Polícia Federal, Elói Teles afirmou que nem queria ir para a reunião, mas que subiu à serra no carro de Everardo, em companhia de Luís Gonzaga até o ponto de encontro - uns dois quilômetros acima do campo de aviação. Lá, já se encontrava um jipe que transportou Geraldo Formiga, Arrudinha e Patrício, e “um moreno”, Santa Cruz, que antes havia lhe pedido para reunir grupos no Crato. Elói Teles afirmou que não participou ativamente da reunião porque não estava passando bem, acometido de uma dor de cabeça muito forte, uma enxaqueca, porém, recordava que Evilásio e Santa Cruz pregaram que era necessário arregimentar pessoas e levantar a região do Cariri para estabelecer focos de guerrilha, uma vez que o local era próprio para tal ação. Afirmou também que o povo deveria ser esclarecido sobre a tomada de posição contra o imperialismo norte-americano, da luta contra o latifúndio e que deveria haver distribuição de panfletos que seriam impressos em mimeógrafo. Disse que por estar doente, não pôde se expressar para que o grupo entendesse sua posição contrária a tudo aquilo que estava sendo discutido. Elói Teles concluiu seu depoimento afirmando que se desligou completamente dessas organizações e que participou sua decisão para Everardo. E que não foi mais procurado a partir de então.

Todavia, Luís Gonzaga Bezerra Martins, em depoimento prestado dia 2 de fevereiro de 1972 ao Departamento de Polícia Federal – Delegacia Regional do DPF no Ceará, além de confirmar a

participação de Elói Teles na reunião da serra, afirmou que não se recordava de tê-lo visto passar mal.

Sabe-se que o Estado autoritário construiu um aparato repressivo que visava não apenas eliminar a oposição política, mas também controlar a narrativa dos acontecimentos. Nessa situação, as declarações e depoimentos prestados por presos políticos tornaram-se instrumentos ambíguos – são documentos que contêm dor, resistência e, principalmente, coerção. Dessa forma, as incoerências presentes nesses relatos não devem ser interpretadas como simples contradições ou como falsidades, porém, devem ser vistas como marcas das condições extremas em que foram produzidos.

Sob torturas física e psicológica, muitos presos foram obrigados a declarar inverdades, como por exemplo, assumir ações que não cometeram, chegando até a confirmar versões convenientes aos órgãos de repressão. Mentir era um mecanismo de sobrevivência. O medo, incluindo aqui sessões de tortura ou de represália contra familiares, moldava a verdade pela dor – a coerência dos depoimentos se desfazia diante da vida ameaçada, pois, a pressão exercida pelos interrogadores visava legitimar a narrativa do regime, ou seja, os opositores eram inimigos da Pátria, terroristas ou subversivos. A extração de confissões forçadas dava ao Estado a fabricação de uma aparência de legalidade e assim justificavam a violência, mascarando o caráter político da repressão sob o véu da segurança nacional.

Os depoimentos prestados por aqueles que, direta ou indiretamente, estavam envolvidos com células antiditatoriais apresentam algumas questões relevantes em relação às respostas dadas e, também, ao medo de falar verdades ou inverdades. Nunca se pode esquecer que falar sob tortura é poder mentir, é se sujeitar às dores físicas e morais se contradizendo. Exemplo claro é o caso de Dilma Rousseff, quando respondeu ao senador Agripino Maia, do MDB do Rio Grande do Norte, em sessão na comissão do Senado, em maio de 2008, enquanto ministra da Casa Civil do governo Lula. O então senador questionou a ex-presidenta sobre uma declaração sua, feita em

uma entrevista, na qual ela afirmou que mentia durante os interrogatórios (Dilma Vana Rousseff - presa de 1970 até 1972, pertencia a Vanguarda Armada Revolucionária – VAR-Palmares). Ela respondeu para Agripino Maia: “Não se dialoga, não é possível supor que se dialogue, com o pau-de-arara, com o choque elétrico. O que acontece ao longo dos anos 70 não é uma ditadura policialesca simplesmente. É a impossibilidade de se dizer a verdade em qualquer circunstância. Porque direito à livre expressão estava enterrado”.

Há também a possibilidade de o escrivão transcrever o relato de acordo com seu entendimento, sob ordem, mesmo o declarante tendo que assinar ao final de cada texto.

Atualmente, olhar tais contradições requer sensibilidade histórica e ética. As incoerências apresentadas durante os depoimentos e as inverdades revelam o quanto o autoritarismo corrompe o discurso humano.







## QUARTA PARTE

# O idealista (e silencioso) intransigente

“... quis o Destino que eu viesse aqui receber essa homenagem; no mesmo dia em que, há 35 anos atrás, a repressão política me jogou para conviver, por mais de dois meses, com presos comuns, ladrões, assaltantes, assassinos da pior espécie, como punição por ser eu um idealista intransigente. Idealista intransigente que não se dobrou às inquisições impostas”.

Parte do discurso proferido por Elói Teles de Moraes, em 30 de agosto de 1999, ao tomar posse na Cadeira nº 1 – Secção de Folclore /

Patrono Leonardo Mota, em reunião no Instituto Cultural do Cariri, realizada no Museu Histórico do Crato, antigo prédio da Cadeia Pública do Crato. Transcrito por Manoel Patrício de Aquino, a partir de gravação em fita cassete, o discurso foi publicado na Revista Itaytera, nº 44, Ano 2000.

Raras vezes, Elói Teles de Moraes falou sobre sua prisão. Neste discurso, ele se refere à de 1964. Nesta detenção, não há registro de depoimentos ou termos de declaração prestados a militares.

Elói Teles se autointitula “idealista intransigente”. De acordo com o Dicionário Houaiss (2015) intransigente significa 1 Que(m) não faz concessão; inflexível, intolerante 2 que(m) é austero, rígido na observância de seus princípios. E idealista é 1 relativo a idealismo (teoria filosófica) 2 partidário do idealismo (teoria filosófica) 3 que(m) age por motivos ideais 4 que(m) põe os ideais à frente das considerações práticas. Vale lembrar que no verso da Bíblia que Elói Teles recebeu do parente quando estava na prisão do Crato, ele escreveu um poema que findava com: Meu ideal está solto.

No Brasil, a Lei da Anistia (Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979) já havia permitido o retorno de exilados e a saída da clandestinidade de muitos opositores do regime. Em 1985, o Brasil respirava um ar de redemocratização, entretanto, para seu Elói, o fim do regime foi menos um alívio e mais uma mudança sutil na natureza do medo. Ao se autodenominar de “idealista intransigente”, valores como justiça social, liberdade e democracia deveriam ser inegociáveis. Seria, então, intransigente por não admitir concessões que comprometessem a grandeza de seus ideais.

Elói Teles nunca participou de um debate público sobre seus ideais e muito menos sobre suas ações durante o período ditatorial. Na verdade, o estado de terror vivido por ele, pode ter deixado marcas profundas na sua vida, compactuadas, talvez, com sua esposa. O medo pode ter se fortificado com a anistia ampla, geral e irrestrita. Para ele, um idealista, a ausência de responsabilização criminal para delitos contra a humanidade poderia ser uma traição aos princípios nos quais

ele acreditava. O medo, então, não era mais aquele da prisão ou da tortura. O medo poderia ser o de que a democracia fosse frágil e reversível, uma vez que ele vivenciou a falta de vontade política em investigar os horrendos crimes passados, como também, a maneira de como tudo foi silenciado sob justificativas vãs.





## QUINTA PARTE

# Algumas reflexões

“Na verdade, meu caro More, para ser muito franco, parece-me que, onde a propriedade é privada e tudo é medido em termos monetários, é praticamente impossível que uma comunidade seja justa ou próspera, a menos que se considere que a justiça pode funcionar onde as melhores coisas pertencem às piores pessoas, ou que possa haver felicidade onde todos os bens estão repartidos entre pouquíssimos – e mesmo esses poucos não aproveitam muito, enquanto os demais vivem em completa miséria”. *Utopia*, Thomas Morus (1516).

Algumas poucas pessoas no mundo imaginaram sociedades na quais todos pudessem ser felizes e iguais. Rafael Hitlodeu descreve essa sociedade utópica baseada em princípios de igualdade, justiça e bem-estar coletivo (Morus, 1516). E mesmo constatando a diversidade que caracteriza a humanidade, esse sonho permanece.

Tida como empreendimento de construção do mundo, a sociedade precisa ser vista em termos dialéticos, vista como produto do homem e este como produto da sociedade. Assim, a história das ideias sociais ocidentais, de Sócrates até o pós-estruturalismo, demonstra a influência sobre como as pessoas pensam a sociedade, em atitudes dialéticas, que se manifestam como processo de interação e de transformação entre ideias e perspectivas diferentes.

Para aqueles que ainda consideram a possibilidade de um mundo mais justo e mais igualitário, a luta se dá a partir de ações concretas e mostra de resultados. Contenta-se, hoje, com uma desigualdade menos gritante?

As transformações sociais, políticas e tecnológicas que marcaram o século XX incluem guerras mundiais, guerra fria, desenvolvimento da informática e da medicina. Após as revoluções industriais, o socialismo se manifestou como uma reação às desigualdades e problemas sociais causados pela exploração do trabalho, péssimas condições de vida e uma desigualdade social gritante. A crítica ao capitalismo fez com que os socialistas apontassem para um novo modo de produção. Os socialistas

culparam o capitalismo pela miséria do proletariado (uma nova classe de operários urbanos que trabalhavam em condições frequentemente perigosas e insalubres). Em *O Capital*, Marx e Engels propõem uma sociedade sem classes na qual a propriedade dos meios de produção seria abolida, sendo substituída pela propriedade coletiva. Esta sociedade se daria por meio revolucionário que derrubaria o capitalismo e instauraria o socialismo, intermediariamente, para, então, surgir a sociedade comunista.

Vários motivos barraram a lógica histórica. O pensamento humano desmoronou. A ascensão do nazismo e do fascismo que vulnerabilizaram a democracia, o fracasso das reformas econômicas nos países socialistas, a violência e o nacionalismo extremo empoderaram o capitalismo. Dessa forma, o comunismo seria o culpado pelos horrores da vida cotidiana, passando a ser divulgado como uma ditadura atroz, sem direitos familiares, religiosos e culturais.

A história mostra que viver politicamente nessa última metade do século XX foi um desafio para quem enxergava o mundo sob a perspectiva da não influência propagandista dos meios de comunicação que compactuavam com regimes totalitários. Golpes de estado estouraram pelo mundo: em Portugal, na Grécia, na Argélia, em Uganda, e, com destaque, na América Latina: Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru, Paraguai.

Os ideais de luta por uma sociedade mais democrática marcaram a vida daqueles que se colocaram no caminho dos ditadores. Marcaram a vida de suas famílias também. Muitos foram presos, torturados, desaparecidos e mortos.

No Brasil, após a derrubada do regime militar, em 1985, inúmeros casos de presos políticos e de desaparecidos continuam sem esclarecimentos até o momento. Pessoas públicas, como a ex-presidente Dilma Rousseff, as atrizes Leila Diniz, Norma Bengell e Eva Vilma, o ex-deputado Rubens Paiva, os bispos dom Hélder Câmara e dom Paulo Evaristo Arns, para citar alguns, tiveram e têm

suas trajetórias conhecidas no Brasil e em outras partes do mundo. E os anônimos? Muitos deles agiam em grupos secretos para planejar ações, distribuir panfletos, revistas e jornais. A resistência contra a ditadura no Brasil passava pelos sindicatos, pelas associações, pelas universidades. Agindo na clandestinidade, organizavam atos de resistência utilizando seus próprios meios para denunciar a ditadura.

82

Falar sobre os anônimos que lutavam contra a ditadura parece não ser tarefa corriqueira. Muitos deles são totalmente invisíveis até hoje. Para além das organizações de resistência, como a Aliança Libertadora Nacional – ANL e o Movimento Revolucionário 8 de outubro – MR8, houve a resistência silenciosa, com cidadãos comuns desafiando a ditadura em seu dia a dia.



## FONTES

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. Brasil: Nunca Mais. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRASIL, Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966 – convoca o congresso nacional para se reunir extraordinariamente, de 12 de dezembro de 1966 a 24 de janeiro de 1967, para discussão, votação e promulgação do projeto de Constituição apresentado pelo presidente da República.

BRASIL, Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968 - São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências.

BRASIL, Ato Institucional nº 12, de 31 de agosto de 1969 – Dispõe sobre o exercício temporário das funções de Presidente da República pelos Ministros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, enquanto durar o impedimento, por motivo de saúde, do Marechal Arthur da Costa e Silva.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1967

BRASIL, Decreto-Lei nº 898, de 29 de Setembro de 1969 - Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento, e dá outras providências.

BRASIL, Lei nº 4.504 – Estatuto da Terra, de 30 de novembro de 1964 - regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da reforma agrária e promoção da política agrícola.

BRASIL, Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979 - Lei da Anistia

BRASIL, Ministério Público Federal BNM 461 Ação Penal 23/72

Apelação STM 40.289 Disponível em [bnmdigital.mpf.mp.br](http://bnmdigital.mpf.mp.br) acesso em 31 jan 2025.

MORUS, Thomas Utopia. Londres : Peguim Companhia, 2018.

QUEIROZ, Fábio José Cavalcante Padres, coronéis e ativistas sociais: o Cariri à época da usurpação militarista – 1964 -1985. Tese. Universidade Federal do Ceará, 2010

Disponível em <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1146> acesso em 8 jul 2024.

SIMIÃO, Cícero Aurelisnor Matias. Resistência Rota de fuga e refúgio: o Cariri cearense na ditadura militar. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal, RN, 2018.

<https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/814f2e9a-809f-4bbd-ae48-093f0dd6967e/content> acesso em 20 set 2025 SOUZA, Enilce Lima Cavalcante Campo e Palavras – Dimensões da Questão Agrária no Ceará, 1954 – 1964. Dissertação. Universidade Federal do Ceará, 2005. Disponível em <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/25620> acesso em 28 mar 2024.

TEMÓTEO. Jurandy Anos de Chumbo: o movimento político estudantil e a ditadura militar no Crato. Crato : A Província Editora, 2013.









## LADO B

Seu Elói merece ser conhecido por completo. O lado A do disco da sua vida já toca há muito tempo e é amplamente ouvido. O lado B, revelado aqui, traz à tona suas ações contra o golpe militar de 1964, entrelaçadas ao seu cotidiano, aparentemente comum.

ANEXO  
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

 Documento assinado digitalmente  
**AMANDA TEIXEIRA DA SILVA**  
Data: 22/04/2026 10:31:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Data e local da assinatura eletrônica